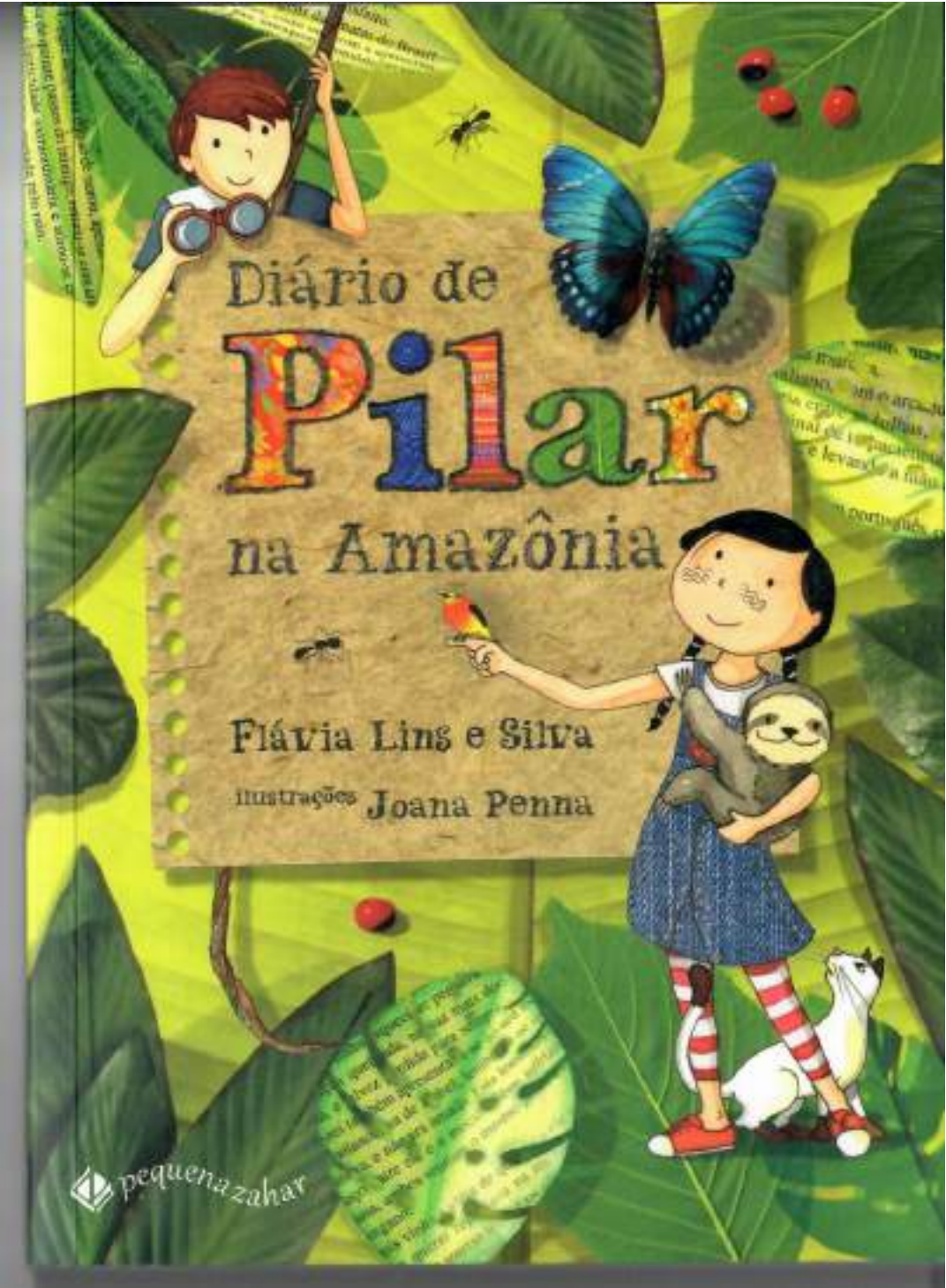
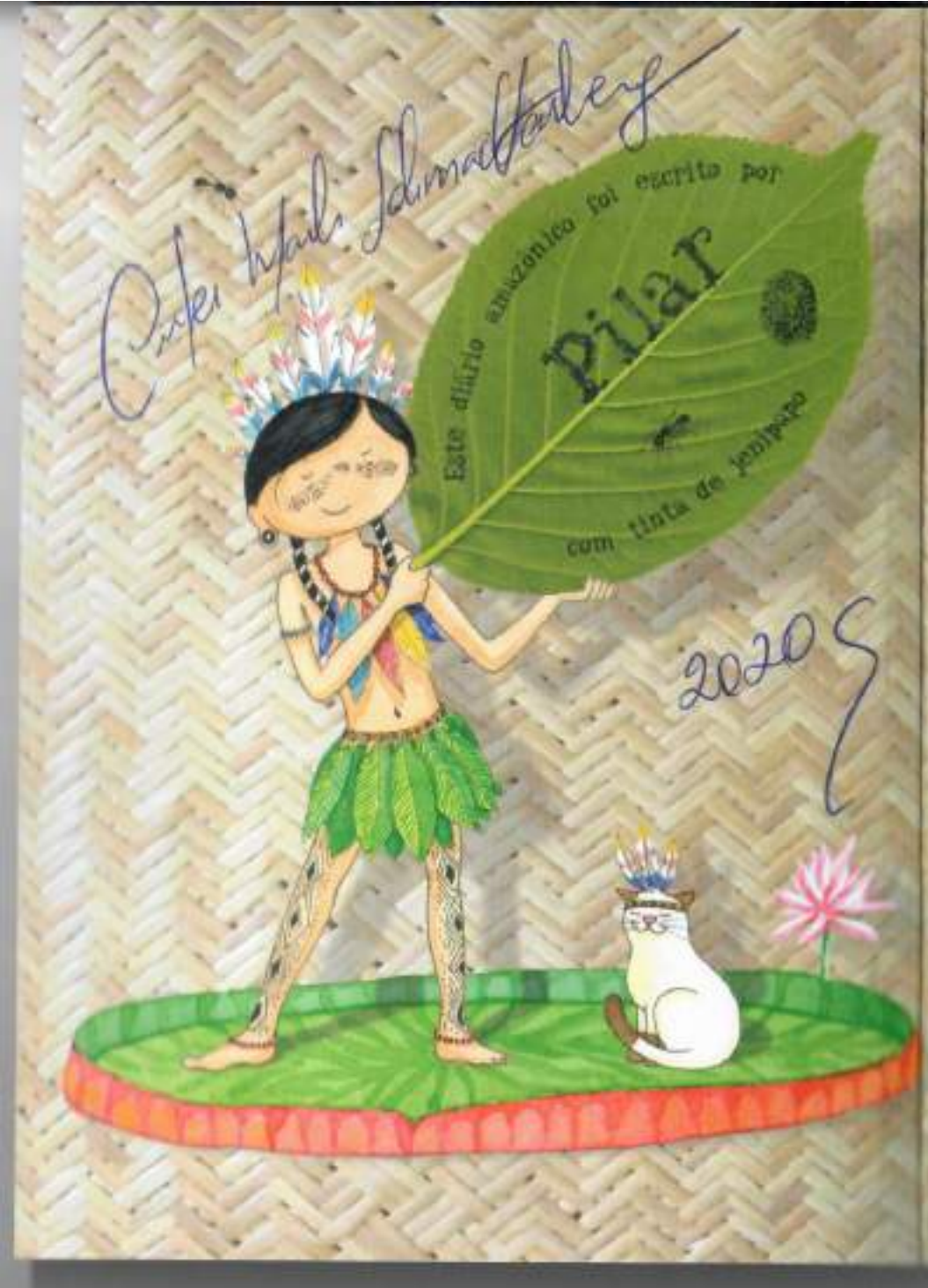
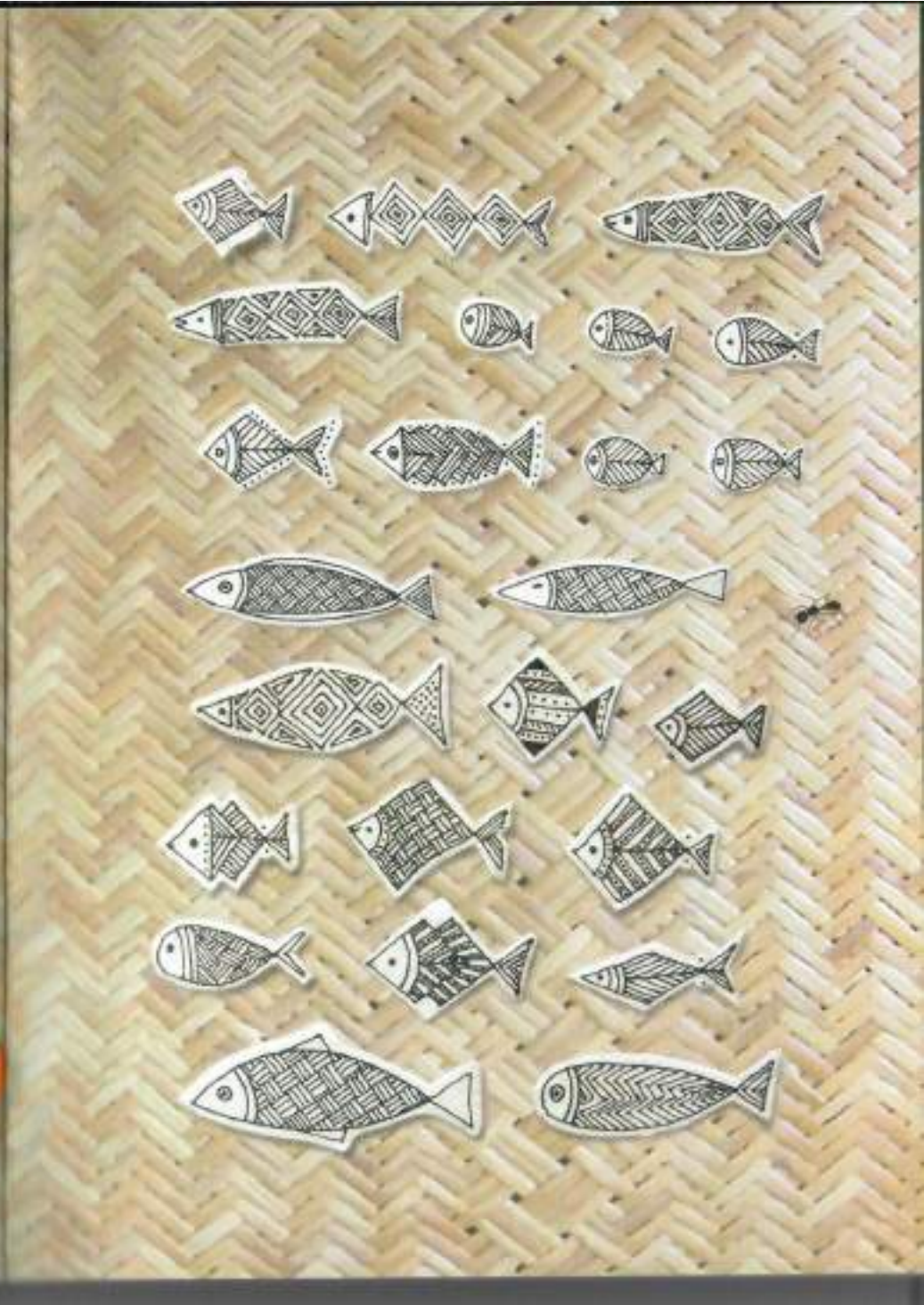

Diário de
Pilar
na Amazônia
Flávia Lins e Silva
ilustrações Joana Penna
pequena zahar


Este diário amazônico foi escrito por
Pilar
com tinta de jenipapo
2020



Para Gabriel e Nina, Matias e Marina,
torcendo para que um dia conheçam a Amazônia.
Com todo o carinho da
Flávia Madrinha.

Para Sofia e Tom,
minhas inspirações e grandes companheiros de viagem.
Joana

Diário de Pilar na Amazônia

Copyright do texto © 2011, Flávia Martins Lins e Silva
Copyright das ilustrações © 2011, Joana Penna

Copyright desta edição © 2019
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição (Zahar): 2011
2ª edição (4 reimpressões): 2015
1ª reimpressão da 3ª edição: 2019

Revisão: Joana Milli | Projeto gráfico: Joana Penna | Fotos: Eduardo Robichez Penna

Frutas do Norte gentilmente cedidas para fotografia pelo Restaurante Arataca,
Copacabana, Rio de Janeiro
Apitos de chamar pássaros: Fábrica de Pios Maurílio Coelho

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Silva, Flávia Lins e
S58d Diário de Pilar na Amazônia/Flávia Lins e Silva; ilustrações Joana Penna. – 3. ed. –
3. ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2019.

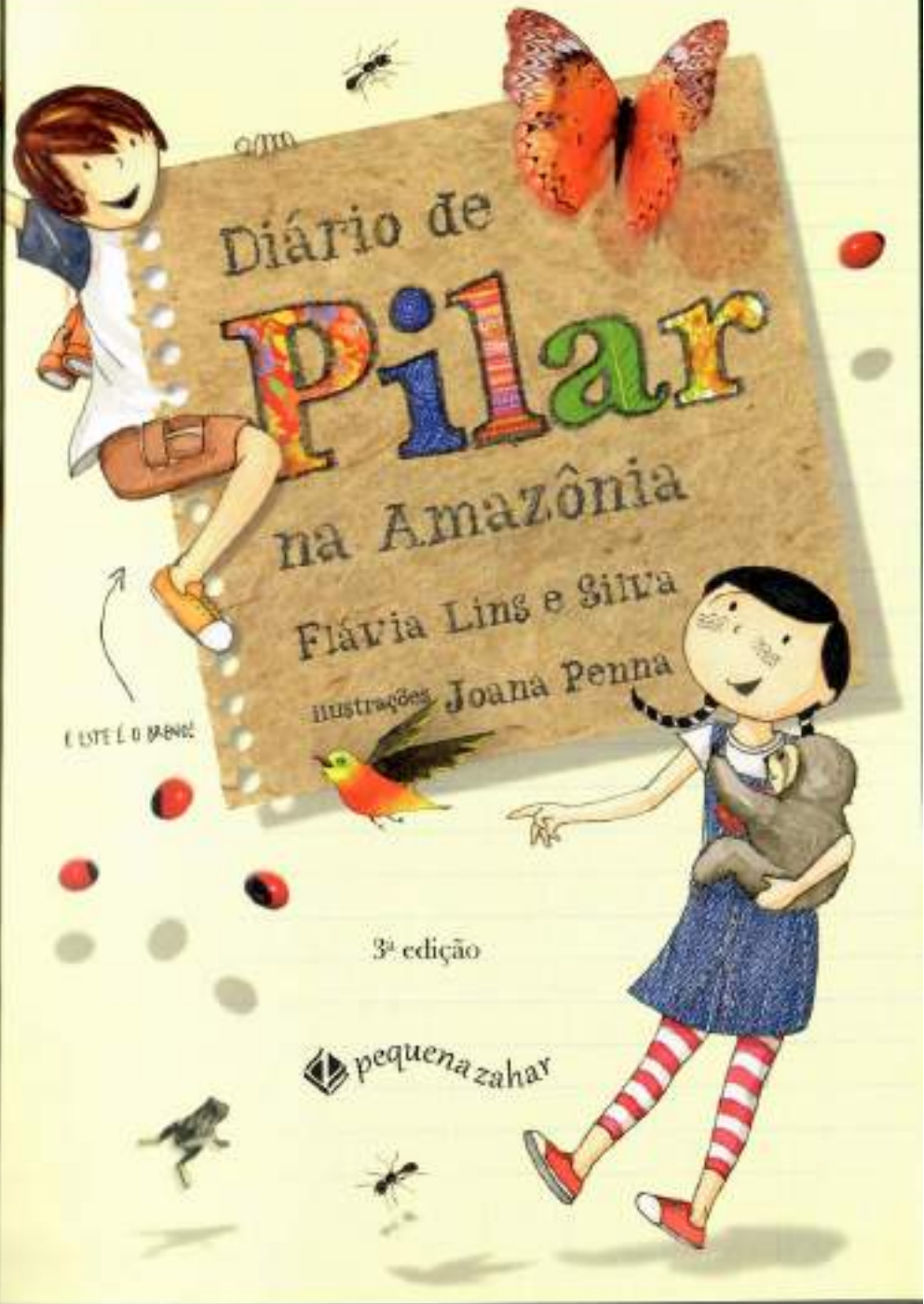
il.

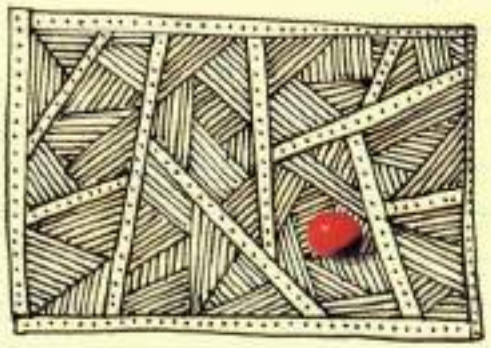
Contém glossário
ISBN 978-85-66642-64-3

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Penna, Joana. II. Título.

19-18973

CDD: 028.5
CDU: 087.5



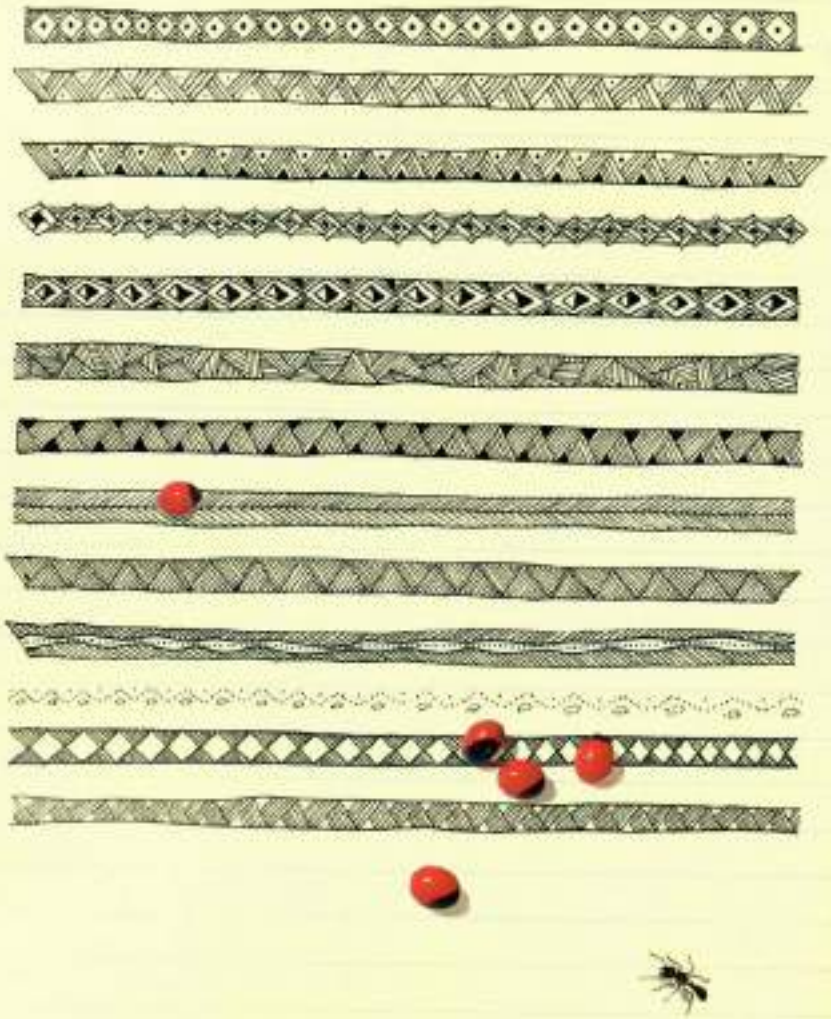


Sumário

A Sociedade dos Espiões Invisíveis	11
Uma notícia pela metade	17
Um mar de redes	21
Um pescador muito inventivo	31
Filha de boto?	37
Os encantos da sereia	41
Era uma vez Breno...	47
Nas águas do Tapajós	53
A floresta encantada	59
Perigos da mata	69
Entre feras	73
Um Kererê muito querido	79
Abraço de sucuri	83
A noite e suas histórias	87
Pios e papos	95
Lua cheia	103
Muiraquitã catu!	109
Fim do mistério	115
Rumo ao mar	119
Novos horizontes	127
Uma nova família?	133
Mapa do trajeto da viagem	138
Pequeno dicionário de *pilarês*	142

PACU

DESENHOS ESTILO INDÍGENA, FEITOS POR MIM!



Breno e Samba:
meus super-
companheiros!

COISAS QUE SEMPRE LEVO NA MALA:

RELÓGIO DE SOL + BÚSSOLA DE BOLSO
(VÔ PEDRO ME DEU)

ESCOVA DE DENTES

GRAMPO DE CABELO:
1001 UTILIDADES

COLAR COM O GLOBO TERRESTRE
PARA EU ME ACHAR NO MUNDO

MEU DIÁRIO:
INDISPENSÁVEL!

Pilar

AUTORRETRATO EXPLICADO

FRANJAS PARA O CABELO NÃO FICAR NA CARA
SAMBA SEMPRE COMIGO (GRANDE COMPANHEIRO DE VIAGEM)
MEU BOLSO ONDE GUARDO TUDO
LEGGING BEM CONFORTÁVEL PARA EU NÃO TER DE ME PREOCUPAR COM "BONS MODOS"
MINHA MALA SEMPRE PRONTA PARA NOVAS VIAGENS!
TÊNIS SEM CADARÇO (PARA COLOCAR E TIRAR BEM RÁPIDO)

A Sociedade dos Espiões Invisíveis

Tem dias em que tudo o que mais quero é embarcar na minha rede mágica e viajar para bem longe! Talvez, em algum outro lugar, não me sinta tão, tão... diferente! Eu sei que minha mochila é toda rabiscada, que meus tênis vivem cheios de lama, que meu cabelo está sempre um pouco arrepiado, mas nada justifica o que a Susana fez hoje comigo, convidando a turma toda para o seu aniversário, menos eu!!! O pior é que eu ainda quis entender o motivo e ela disse que não me convidou porque sou esquisita. Isso mesmo! Es-qui-si-ta! De repente, comecei a me sentir mais insignificante que uma pulga, pior do que um piolho! Então, veio esta vontade louca de sumir, desaparecer do mapa. Fugi da sala correndo e já estava no portão da escola quando Breno me alcançou. Bem que tentei fingir que não estava ligando a mínima, mas como ele me conhece bem percebeu na mesma hora que eu estava furiosa como um dragão, prestes a soltar fogo pela boca:

Aquela Susana é uma... ela é uma *parapetelunga*!

Parapetê o quê?

É isso mesmo que você ouviu. Acabei de inventar esse xingamento!

Pode xingar, você tem toda razão, Pilar. Mas não ligue não que a festa dela vai ser um verdadeiro sonífero! Não vou nem amarrado!

– Fale a verdade, Breno: qual o meu problema?

– Você é diferente, e isso às vezes incomoda, só isso.

– Pronto! Até você me acha diferente! Pode falar que eu sou es-qui-si-ta! Fale!

– Tudo bem: você é a esquisita mais legal que eu conheço. As outras garotas são todas iguais e sem graça!

– Breno, eu preciso da sua ajuda: topa fazer uma investigação supersecreta?

Nesse instante, voltamos juntos para o nosso prédio e, no apartamento do Breno, decidimos criar a Sociedade dos Espiões Invisíveis, mais conhecida como SEI. Nossa missão principal é investigar mistérios incompreensíveis, e resolvi buscar pistas para compreender por que Susana me achava tão esquisita, tão diferente dela. Breno e eu inventamos codinomes, fizemos carteirinhas de sócios, e ele ainda criou um kit de investigação, isto é, uma caixa de fósforos com um bloco e um lápis em miniatura para levarmos em nossa primeira missão.

Já com a carteirinha da SEI nas mãos, voltei para casa com vontade de investigar também o sumiço do meu pai. Queria conversar com minha mãe sobre isso, mas ela havia viajado a trabalho. Então, segui com Samba para o meu quarto, peguei o meu binóculo e fui até a janela, de onde podia observar a casa de Susana. Pouco tempo depois, vi que ela saía com sua mãe e enviei um torpedo para o meu grande parceiro:

Beki chamando Nico.

Agora que inventou um jeito de prender o celular no pulso, tipo relógio, Breno vive superligado. Por isso respondeu em poucos segundos:

É urg?

Eu insisti:

Superurg!

Descemos as escadas do prédio correndo e conseguimos chegar na rua a tempo de seguir Susana e sua mãe. Logo depois da primeira esquina, percebemos que as duas caminhavam para o cabeleireiro.

– Anote aí, Pilar. Diferença número um: você jamais passaria a tarde do seu aniversário no cabeleireiro.

– Nunca mesmo. Com tantos lugares no mundo para conhecer, por que passaria o meu grande dia trancada aí dentro?

– Vamos entrar?

– Claro! Mas não podemos ser vistos!, falei.

Com muito cuidado, eu, Breno e Samba, quer dizer... eu, a famosa Beki Bacana, o incrível Nico Necas e o ágil Simba, entramos no salão e nos escondemos perto de umas plantas, bem atrás das cadeiras onde Susana e sua mãe estavam sentadas. Assim, podíamos ouvir melhor a conversa das duas:

– Você não devia ter feito isso com a Pilar, Susana.

– Mas ela é esquisita, mãe! Eu não quero gente esquisita na minha festa.

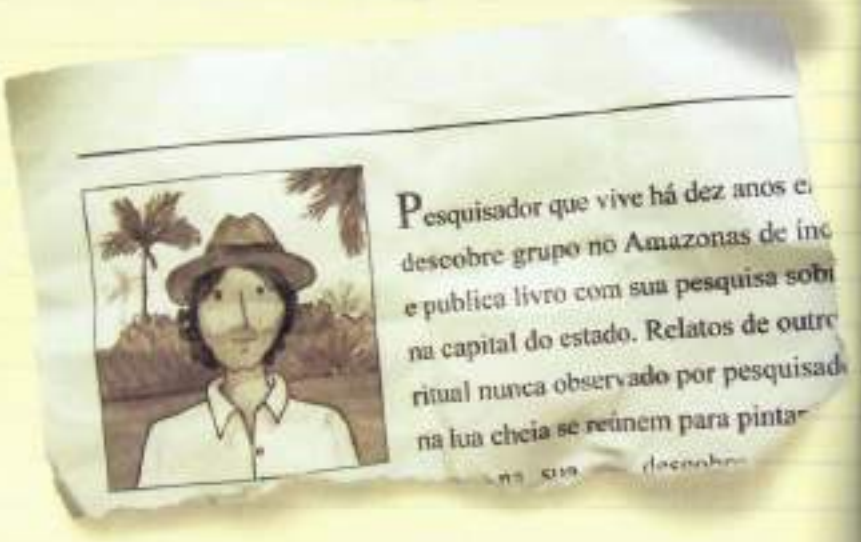
– Coitadinha, filha. Ela é esquisita porque não tem pai!

– Acho que esse pai dela nem existe!

Ao ouvir aquilo, não me segurei mais e, quebrando todas as regras do manual de espionagem, saí detrás das plantas, falando bem alto:

– Eu tenho pai, sim senhora! Só que ele não mora aqui no Rio!

– Pilar! Breno! O que vocês estão fazendo aqui?, gritou Susana, levando o maior susto.



Pesquisador que vive há dez anos e
descobre grupo no Amazonas de inc
e publica livro com sua pesquisa sobr
na capital do estado. Relatos de outro
ritual nunca observado por pesquisad
na lua cheia se reúnem para pinta

Uma notícia pela metade

Assim que falei, notei a besteira que tinha feito, mas já era tarde demais. Samba rosnou e Breno me fulminou com os olhos, espumando de raiva:

– Pilar, você estragou nossa investigação!

– Que investigação?, quis saber a mãe de Susana.

Para variar, fui impulsiva demais e quase coloquei a SEI a perder. Acontece que aquilo que Susana e sua mãe haviam dito era mesmo cruel e mexeu comigo. Fiquei com um nó na garganta, uma vontade louca de chorar e saí em disparada de volta para casa, antes que alguém percebesse que meus olhos transbordavam. Breno e Samba chegaram logo depois e, fechando bem a porta do meu quarto, desabafei:

– Ai, Breno, por que não posso ter uma família normal?

– Acho que nenhuma família é exatamente como a gente gostaria, Pilar.

– Você é que tem sorte de ter pai, irmão e tudo. Eu não tenho ninguém além da minha mãe. Somos só eu e ela o tempo todo...

– Pelo menos você tem o Samba!

– Mas você sabe como ele é independente! Não é, Samba?

Ao procurar meu gato, descobri que ele havia sumido. Breno e eu olhamos debaixo da cama, no armário, atrás da minha mesa e nada! Para complicar ainda mais as coisas, en-

contrei um pedaço de jornal rasgado dentro da rede que me deixou bastante intrigada:

– Breno, olhe bem isso aqui! * veja página 16!

Não dava para entender a notícia inteira, mas assim que olhei para o que havia sobrado da foto do pesquisador, tive a impressão de já ter visto aquele rosto.

– O que tem esta notícia?, Breno quis saber.

– Repare bem! Não acha que este homem é parecido com meu pai?

– Seu pai? Será possível? De onde veio este pedaço de jornal, afinal?

– Olhe ali. Acho que o meu gato puxou o jornal da caixinha dele...

Sem ligar muito para a bagunça que Samba havia feito, li mais uma vez a notícia, esperançosa. Será que aquele homem do jornal era mesmo o meu pai? Ai... como eu queria me encontrar com ele! Como queria ter alguém para chamar de pai. Imediatamente, peguei a única foto que tenho dele e entreguei a Breno para que comparasse com a foto do jornal.

– Então, não acha que as duas fotos são parecidas?, perguntei, ansiosa.

– Cadê a sua lupa?, pediu Breno.

Do fundo do meu superbolso, puxei a lupa com cabo de madrepérola que tinha sido do meu avô. Com ela, Breno comparou o jornal com a foto antiga até que, finalmente, concluiu:

– Parece um pouco mais velho...

– Dez anos se passaram, Breno! Mas até que enfim temos uma ótima pista para encontrar meu pai!

– Sempre pensei que seu pai fosse antropólogo.

– Antropólogo ou pesquisador.... Ah! É praticamente a mesma coisa...

– Será que Samba farejou alguma coisa? Vai ver seu gato tem mesmo talento para detetive, Pilar.

– Acho que ele tem é talento para comer tudo o que vê pela frente. Tinha que comer logo esta notícia importantíssima?!

– Onde será que ele se meteu?

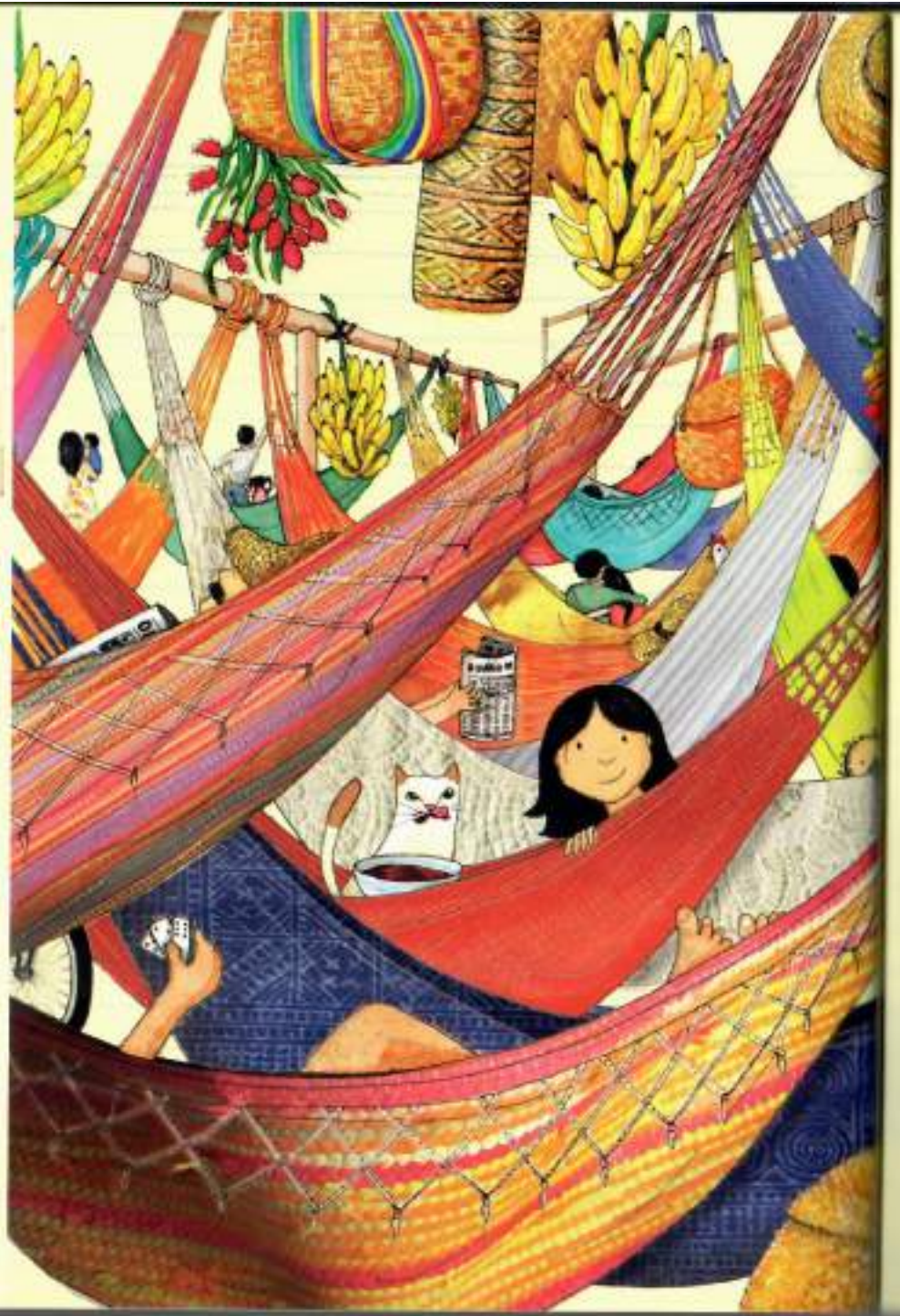
– Tudo indica que embarcou na rede mágica. Topa ir atrás dele?, convidei.

– Só se for agora!, respondeu Breno, empolgado.

Sem perder nem mais um minuto, pulamos juntos dentro da rede mágica. Depois, dei um bom impulso no chão para que ela começasse a balançar e falei bem alto:

Rede mágica, me leva que eu vou, me leva aonde for!

Naquele instante, a rede dourada começou a girar para a frente e perdemos a noção de onde era o teto e de onde era o chão. Fomos sacudidos, tudo ficou escuro, e quando ela parou de girar vimos que estávamos num grande barco, cercados de redes por todos os lados.



Um mar de redes

Eu nunca tinha visto um barco assim: três andares repletos de redes coloridas, umas coladas nas outras. Dentro delas, pessoas de todo o Brasil e do mundo. Algumas dormiam, outras jogavam dominó, comiam frutas ou conversavam. De repente, ouvi um miado muito familiar e vi Samba numa rede vermelha, com o focinho enfiado numa cumbuca, no colo de uma garota morena.

— Samba! O que você está comendo, seu gato guloso?! Venha já aqui!

Gatos, porém, são muito rebeldes, e Samba apenas lambeu o beiço, todo roxo. A garota logo sorriu para nós, perguntando:

O gato é seu? Acho que ele gosta de açaí. Tomou minha cumbuca todinha!

Desculpe. É que... ele devia estar com fome, tentei explicar, um pouco envergonhada.

O gato da Pilar é sempre guloso, tem um estômago de leão!, implicou Breno.

Quando o barco parar, busco outra cumbuca de açaí para você. Aliás, meu nome é Pilar. E o seu?

— Eu me chamo Maiara. Mas não precisa se preocupar em buscar nada,

Pilar. Até porque o barco agora só vai parar de novo amanhã!

– Amanhã? Você está brincando, né? Que barco mais demorado é esse? Aliás, que rio enorme é esse?

– Já descemos todo o rio Negro, passamos por Manaus e agora estamos chegando ao encontro das águas, olhem ali!, apontou Maiara.

– Encontro das águas?, eu e Breno nos entreolhamos, sem saber do que ela falava.

– Nunca ouviram falar do encontro do rio Negro com o rio Solimões? É quando eles se juntam que o nosso rio maior passa a ser chamado de Amazonas, contou Maiara.

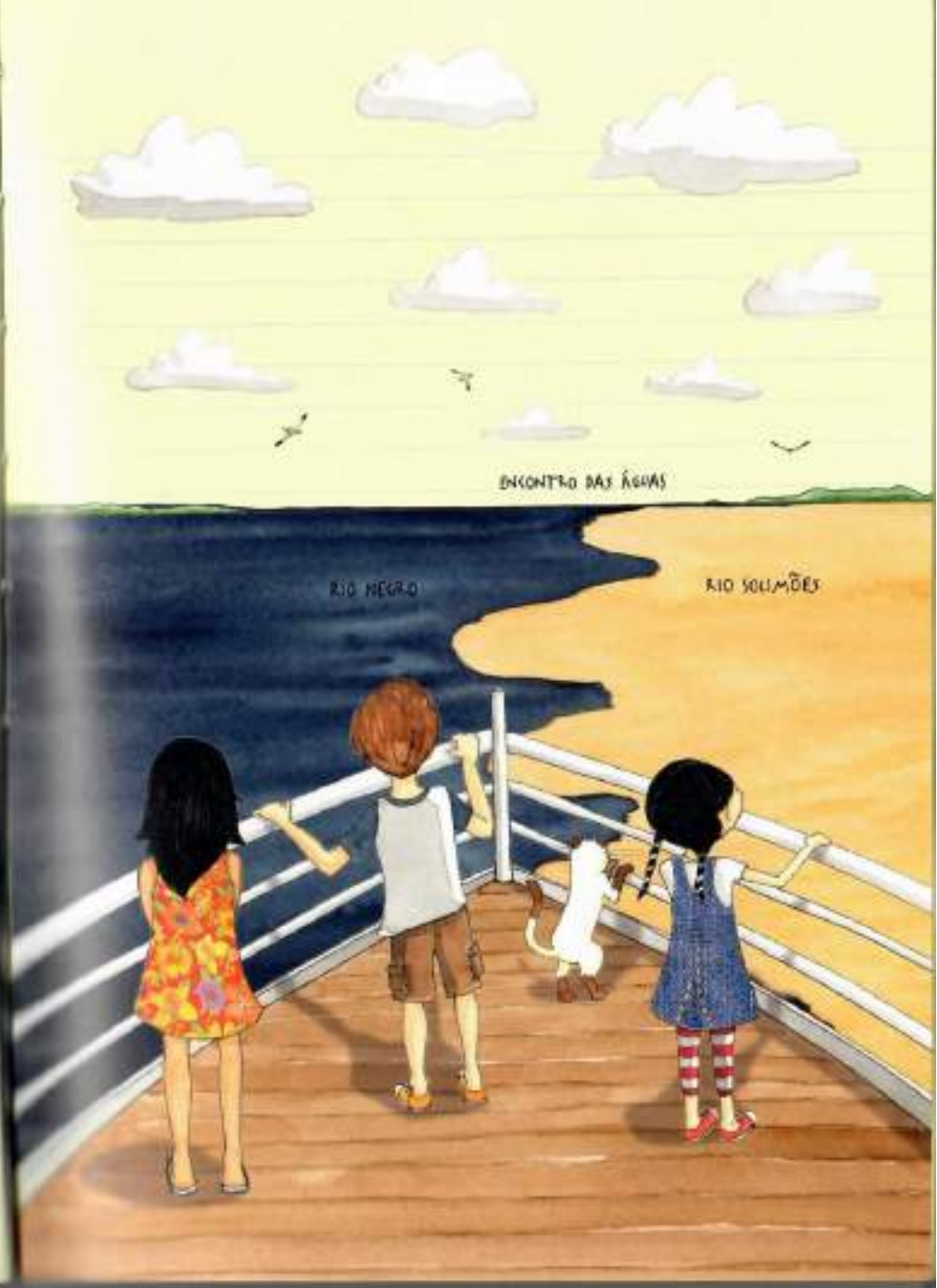
– Amazonas?! Estamos navegando no Amazonas?! O maior rio do mundo! Que incrível!, exclamei, entusiasmada.

– Não sei se é o maior, mas certamente é o que tem mais água!, comentou Breno, com seu jeito técnico e objetivo.

Curiosos, corremos para a proa para ver aquele rio imenso. Bem ali na nossa frente, uma corrente de água escura e outra de água barrenta formavam um rio bicolor debaixo do barco. Que beleza! Na mesma hora, olhei para o meu colar de globo terrestre, querendo descobrir exatamente onde estávamos.

– Que pena que Manaus já ficou para trás. Queria tanto conhecer a capital do Amazonas...

– Você quer conhecer tudo, é, Pilar?, perguntou nossa nova amiga, rindo.



– Se quero. Meu sonho é conhecer o mundo inteirinho: país por país, cidade por cidade.

– O nome disso é gulodice geográfica!, inventou Breno.

Meu amigo até que tinha razão, mas o que eu podia fazer com toda aquela minha curiosidade sem fim? Eu queria mesmo conhecer cada cantinho do globo terrestre, cada comida diferente, cada maneira de viver. Interrompendo meus pensamentos, Breno apontou para a água, intrigado:

– Não acha estranho, Pilar? Por que será que o rio escuro e o barrento não se misturam?

– Vai ver são feito água e azeite, muito diferentes.

– O mais escuro é o rio Negro, e o barrento, o Solimões, explicou Maiara.

Pelo visto, aquela garota sabia tudo da vida ali pelo Amazonas e, com a lista de perguntas transbordando, saí disparando:

– Como você sabe de tudo isso? Você mora aqui perto? De onde vem? Para onde vai?

– Moro em Novo Airão, no alto do rio Negro, mas cismei de ver onde o rio termina.

– Ora essa, todo rio termina no mar!, respondeu Breno, sempre muito lógico.

– Mas como é esse tal de mar?, quis saber Maiara.

Foi então que compreendemos que ela nunca tinha visto o mar e começamos a contar:

– É salgado!

– É verde!

– É azul!

– Tem ondas enormes com espuma muito branca!

– Salgado com espuma branca? Preciso conhecer, preciso muito!, disse Maiara, abrindo um sorriso enorme.

Enquanto ela queria conhecer o mar, eu precisava entender mais sobre os rios. Reparando em torno, notei que o Amazonas parece funcionar como uma grande avenida por onde transitam barcos, pessoas, mercadorias, peixes, histórias. Em suas margens, podemos ver casas de madeira bem coloridas, algumas suspensas na água, as palafitas, outras flutuando sobre toras, como jangadas presas à terra. Ali na nossa frente, passavam barcos a remo, barcos a motor, pedaços de árvore e até pedaços de terra desgarrados da margem.

RIO AMAZONAS

Nomes: em 1500, o navegador Vicente Pinzon atravessou o grande rio, que chamou de Santa Maria del Mar Dulce. O rio nasce na cordilheira dos Andes, no Peru, e por onde passa ganha um nome diferente: Carhuasanta, Lloqueta, Apurímac, Ene, Tambo e Ucayali. Quando entra no Brasil, recebe o nome de Solimões, e só depois do encontro com o rio Negro é que passa a ser chamado de Amazonas. Ele corta os estados do Amazonas e do Pará até desaguar no oceano Atlântico.

Volume de água: é o rio mais caudaloso do mundo! Acho que nunca vai faltar água para quem mora por aqui.

Extensão: há controvérsias! Mas atualmente os pesquisadores brasileiros afirmam que o Amazonas tem 6.992,06 quilômetros, superando o rio Nilo em 140 quilômetros. No Brasil este rio é tratado como herói: é o maior e ponto final.

GAIOLA

O barco que circula pelo rio Amazonas e seus afluentes é chamado de gaiola. Pode ter até três andares e transporta carga e gente. Muita gente! É o meio de transporte número um no Norte do Brasil.

Viajar de gaiola sobre o rio é a melhor coisa do mundo, pois podemos fazer amigos ou passar o dia na rede, de pernas para o ar. Só não pode ter pressa, pois a velocidade em geral é de trinta quilômetros por hora.

Debaixo do sol forte, comecei a sentir um calor danado. A temperatura devia girar em torno de quarenta graus, sem sopro nem brisa. Saí do sol para a sombra e, mesmo assim, o suor escorria pelo pescoço.

– Acho que este rio é agitado demais para a gente dar um mergulho, né?, perguntei, louca para me refrescar um pouco.

– Que tal um banho de chuveiro?, propôs Maiara, apontando a popa.

Foi quando vimos três chuveiros ao ar livre. Imediatamente tirei o biquíni do meu superbolso, Breno tirou a camisa e tomamos uma boa ducha a céu aberto. Depois, meu amigo apareceu com um novo invento:

– Prestem atenção! Vocês duas estão presenciando um momento histórico. Vão conhecer o primeiro helicóptero de bolso do mundo! Não é incrível?

– Parece aquele guarda-chuva que era do meu avô e sumiu, comentei.

– Bom, Pilar, ele estava jogado lá num canto, então eu peguei e adaptei. Só que ainda está em fase de testes. Por enquanto, ninguém voou com ele. Mas eu já testei como ventilador! Querem ver?

Breno abriu o guarda-chuva perto de

Maiara, fazendo com que ele girasse com grande potência.

– Que ventinho bom, riu Maiara.

– Mas será que isso pode voar mesmo, Breno? Não vai me pedir para testar, né?, falei, preocupada.

– Na verdade, pensei em testar com Samba!, ele disse.

Sem vontade alguma de ser cobaia daquela invenção, Samba se escondeu no meu superbolso. Sem "voluntários", Breno voltou a brincar com seu "guarda-vento" e, de repente, começou a maior ventania. Minhas tranças se soltaram e fiquei toda descabelada. Já ia reclamar daquela engenhoca descontrolada quando vi nuvens negras se aproximando, anunciando chuva forte.

– Lá vem tempestade!, confirmou Maiara.

– Pode vir que estou preparado!, disse Breno, apontando seu guarda-chuva para o céu, desafiando a natureza.

– Essa *coisica* aí não dá conta da chuvarada não, riu Maiara.

Minutos depois a chuva chegou com toda força, batendo de frente, de lado, de costas. Os marinheiros puxaram a lona que protegia as laterais da gaiola e, mesmo assim, escorria água pelo chão, molhando nossos pés. Cada um correu para a sua rede e Samba, com seu clássico medo de água, miou assustado. Enquanto isso, Breno continuava na popa, todo ensopado, tentando fechar aquele guarda-chuva velho, totalmente inútil em tempestades amazônicas. Mas bateu uma rajada mais forte e o grande invento escapou das mãos de Breno, voando pelos ares.

Um pescador muito inventivo

Depois de várias piruetas no ar, o guarda-chuva de Breno caiu no primeiro andar do barco. Apressados, descemos as escadas e fomos encontrar o invento nas mãos de um garoto da nossa idade, que agora usava a geringonça como vara de pesca.

– Oi, será que você pode devolver meu guarda-chuva?, pediu Breno.

– Justo agora que eu consegui uma vara de pesca sensacional? Nem pensar! Vou pescar o maior peixe deste rio! Vocês vão ver!, falou o garoto.

– Acontece que isto não é apenas uma vara de pesca. Tem mil outras utilidades, falei, tentando ajudar.

– Pilar, ele roubou o meu guarda-chuva e vai ter que devolver, por bem ou por mal, resmungou Breno.

Então meu amigo desistiu de usar palavras e começou a puxar seu guarda-chuva. O garoto não quis largar e os dois começaram um cabo de guerra, quase arrebentando a engenhoca! Foi quando me intrometi na confusão:

– Calma, gente. Vamos fazer o seguinte: no fim da viagem você vai devolver o guarda-chuva do Breno, certo?

– Se eu pescar o maior peixe da minha vida, eu devolvo.

Apertei a mão dele e voltamos ao terceiro andar do barco, com Breno bufando de raiva:

– Droga! A invenção é minha e aposto que ele vai estragar

tudo! E se ele nunca pescar um peixe enorme? Nunca devolverá o que é meu!

– Nós vamos ter que torcer para ele pescar logo um peixe enorme!, falei.

Breno tinha toda razão, mas meu avô me ensinou que em barco nunca se briga porque não há saída possível. Por isso, o melhor é deixar para resolver tudo em terra firme. Quando o barco parasse em algum porto, nós daríamos um jeito de pegar o superguarda-chuva de volta, com certeza.

– Que peixe enorme é esse que aquele garoto quer fisgar, Maiara?

– Só pode ser o pirarucu, o maior peixe do Amazonas. Pode chegar a quatro metros de comprimento!

– Quatro metros?! E aquele garoto lá tem competência para puxar um peixe grande assim sozinho?, duvidou Breno.

– Melhor não dar muita conversa para o Bira não, disse Maiara.

– Você conhece aquela figura?, perguntei, curiosa.

– Ah, Pilar, todo mundo aqui conhece o Bira. Ele vive subindo e descendo o rio Amazonas nesses barcos. Tem uma língua comprida que só ele! Maior que a do pirarucu!

– E como é esse tal de pirarucu? É bravo? Ataca as pessoas? Tem dentes afiados?, eu quis saber.

Foi então que Maiara nos contou uma história que sua avó havia escutado dos índios e contado para ela:

– Dizem que Pirarucu foi um índio muito forte, grande e bonito. Era o melhor de todos os guerreiros da aldeia: nunca errava uma flechada, fisgava todos os peixes, alcançava os animais mais rápidos da floresta. Mas era também muito exibido e gostava de provocar brigas, só para se mostrar. Um pouco como Bira faz às vezes...

– Bem que eu notei!, comentou Breno, ainda chateado.

– Mas o que foi que aconteceu com o guerreiro Pirarucu?, insisti.

– Um dia, Pirarucu resolveu matar um povoado inteiro só para exibir sua força. Matou homem, matou mulher, matou criança. Matou um, matou dez, matou muitos. Sem motivo algum.

– Será que ele não tinha miolos? Só músculos?, perguntei, chocada.

– Ele era muito vaidoso, isso sim! Irritado com aquela matança toda, o deus Tupã, deus dos raios e trovões, decidiu punir o guerreiro. Lá do alto do céu enviou uma enorme tempestade que caiu sobre a terra, alagando tudo. Pirarucu foi arrastado para o fundo do rio e se transformou nesse peixe imenso que hoje alimenta quase todo o povo do Amazonas.

– Quer dizer que de caçador ele passou a ser caça!, comentei.

– Bem feito!, exclamou Breno, gostando do fim da história.

PIRARUCU

Nome científico: Arapaima gigas.
Pode medir até quatro metros e pesar 250 quilos.
É o maior peixe de escamas da bacia Amazônica.
Sua carne é branca e quase não tem espinhas.
Também é chamado de bacalhau do Amazonas.
Suas escamas são usadas pelas mulheres como lixa de unha, e a língua é usada como ralador.
Estou louca para ver este peixão de perto!

Pitomba

Depois de contar toda a história do guerreiro Pirarucu, Maiara abriu a bolsa de palha que levava pendurada ao pescoço e tirou de lá de dentro um cacho de frutinhas amarelas que nunca tínhamos visto antes:

– Querem pitomba?

Com a fome que eu estava, resolvi provar a tal frutinha amarela que nossa amiga oferecia. Que fruta azedinha mais deliciosa! Quantos gostos novos, quantos nomes diferentes surgiam pelo nosso caminho. Maiara também era diferente. Sua vida parecia fascinante e eu estava adorando essa nova amizade. Por isso resolvi propor:

– Maiara, se você quiser, nós vamos com você até o mar! Mas antes estamos procurando uma pessoa...

– Mais precisamente, estamos procurando o pai de Pilar, adiantou Breno.

– O que houve com seu pai?, quis saber Maiara.

– Não sei. Na verdade, nunca conheci meu pai.

Ao falar aquilo, voltei a sentir um aperto no peito e uma vontade danada de chorar, mas consegui me segurar, porque conversar com Maiara me deixava um pouco melhor. Ela não parecia me achar "esquisita" e, ainda por cima, estava disposta a me ajudar:

– Pilar, sua mãe falou se seu pai tinha um furo na cabeça?

– Furo? Não, acho que não, respondi, sem entender a pergunta.

– Tem certeza? Porque, se ele tinha... você é filha de boto!

Breno caiu na gargalhada e fiquei furiosa com ele. Será que ele não percebia que essa história era séria para mim?

Filha de boto?

Olhei para Maiara, querendo saber mais sobre a história do boto. Por mais estranha que fosse, eu continuava intrigada e dei linha para a conversa:

– Você conhece algum filho de boto?

– Lá perto de onde eu moro, no alto do rio Negro, nasceu um menino filho de boto. Ninguém jamais viu o pai dele e a mãe vivia sozinha perto d'água, lavando roupa. Um dia voltou grávida para casa e todo mundo disse que foi o boto que fez filho nela.

– Pode ter sido um pescador que passou por ali e namorou a mãe do menino sem ninguém ver, insinuou Breno.

– Foi o boto mesmo, porque um dia o menino foi embora pelo rio e nunca mais voltou, insistiu Maiara.

– Meu pai sumiu no mar. Saiu para velejar e também nunca mais voltou. Olhe, tenho um retrato dele e uma notícia de jornal...

Maiara examinou o retrato e o jornal por alguns minutos com grande atenção. Ficou em silêncio, muito séria, reparando bem, até que me devolveu a foto e a notícia com um sorriso aliviado:

– Fique tranquila, Pilar. Seu pai não é boto não. Se fosse, usaria chapéu para esconder o furo na cabeça.

BOTO COR-DE-ROSA
Nome científico: Inia geoffrensis.
Lugar onde vive: nos rios do Norte do Brasil.
Barbatana: é triangular, parece uma corcova.
Obs: Cuidado mulheres! Se virem um homem de chapéu, melhor olhar bem a cabeça dele para ver se há algum furo! Pode ser um boto disfarçado!

Depois de toda aquela conversa sobre botos, resolvi pedir ajuda aos meus amigos:

– Como vocês acham que devo fazer para achar meu pai? Você viu alguém parecido com ele por este rio imenso, Maiara?

– Homem igual a esse da foto eu não vi. Nunquinha, disse ela.

– E eu já examinei com a lupa todas as pessoas deste barco, rede por rede, rosto por rosto, e não encontrei ninguém aqui parecido com seu pai, falou Breno.

– O barco ainda vai fazer algumas paradas até chegar em Belém. Então, podemos perguntar em todos os portos do caminho, sugeriu Maiara.

– Bom plano!, concordou Breno.

– Que bom poder contar com vocês nessa busca. Mas... será que ainda vai demorar muito para a próxima parada?, eu quis saber.

– Aqui as distâncias são contadas em dias, explicou Maiara.

– E quantos dias navegaremos?

– De Manaus a Belém são algumas noites. Mas se a gente parar pelo caminho... não sei não. Melhor não pensar nisso agora, Pilar. Descanse um pouco.

Um tanto desanimada, voltei para a minha rede e resolvi ficar quieta, escrevendo em meu diário. A chuva amansou, mas, no horizonte, ainda podíamos ver muitos raios caindo, iluminando o céu escuro. Era um espetáculo assustador e lindo ao mesmo tempo. Os raios rasgavam o céu até mergulhar na água. Pareciam fogos de artifício naturais. Ao meu lado, uma mãe começou a balançar a rede de seu filho e, embalando o menino, ela empurrou, sem perceber, minha rede também. Minha rede, por sua vez, estava tão grudada na de Maiara que ela começou a balançar junto comigo, empurrando a rede seguinte. Foi naquele vaivém tão gostoso e familiar que adormeci.

As andorinhas abrem e fecham o dia.

Os encantos da sereia

Quando acordei, amanhecia no horizonte e a chuva já havia ficado para trás. As andorinhas inauguravam um novo dia com voos rasteiros sobre o rio Amazonas. Com o sol forte batendo no rosto, pulei da rede e caminhei até Breno, que já estava de pé fotografando tudo em volta com o celular. De repente, porém, o aparelho escorregou de suas mãos, caindo no rio.

– Essa não! Preciso resgatar meu celular urgentemente!, ele exclamou.

– Acho que agora não tem mais jeito, Breno. Mas você pode usar o meu, ofereci.

– Você não está entendendo, Pilar. Aquele celular é a coisa mais importante que eu tenho!

Em seguida, Breno começou a tirar os tênis, preparando-se para pular, e, quando olhei para a água, vi uma garota de cabelos longos e negros dentro do rio, acenando na direção dele. Só então percebi que Breno parecia vidrado nela:

– Aquela garota encontrou o meu celular! Preciso ir atrás dela!, ele decidiu.

No meio do rio, a tal garota de cabelos negros provocava meu amigo, mostrando a ele o celular e depois sumindo debaixo da água:

– Venha pegar, venha!

Breno já estava quase pulando do barco quando segurei um braço dele, aflita:

– Se você se jogar neste rio imenso vai morrer afogado!

– Me largue!, ele gritou.

– Você está maluco?!, eu gritei de volta.

Maiara chegou correndo e me ajudou a segurar os dois braços de meu amigo, que se debatia, completamente fora de si, quase se jogando na água.

– Segure firme, Pilar. Não deixe que ele pule. Aquela lá é a Iara, a sereia dos rios. Ela é metade peixe, metade gente. Gosta de encantar os homens e vai tentar carregar Breno para o fundo das águas!

Enquanto ele esperneava, Maiara e eu segurávamos nosso amigo com toda a força. A sereia, porém, cantava o nome dele como se fosse uma música:

– Breeeeeenooooo. Venha aqui, venha. Quero ver se você consegue me pegar!

– Claro que consigo! Me larguem vocês duas! Eu tenho que pegar meu celular de volta!

– Tente raciocinar, Breno: seu celular já deve estar completamente estragado!, argumentei.

A verdade é que não adiantava usar argumentos lógicos com alguém que estava completamente encantado por uma sereia que jogava os cabelos de um lado para outro, mandando beijinhos de longe. Ai, que raiva! Eu não queria que Breno fosse atrás dela de jeito nenhum. Acontece que ele foi ficando cada vez mais nervoso e, quando ele fica assim, parece ganhar uma força incontrolável. Deu um safanão e livrou-se de nós, atirando-se de cabeça no rio. Empurrado pela correnteza, ele começou a se afastar do barco e foi levado para longe, cada vez mais longe. Enfrentando a correnteza forte do Amazonas, Breno tentava nadar para perto da Iara. Era óbvio que a

sereia tinha uma tática: queria deixar meu amigo cansado para depois mergulhar com ele para as profundezas!

– Volte para o barco, Breno, por favor!, pedi, desesperada.

Ele nem me deu ouvidos. Continuou nadando atrás da sereia, feito um louco, engolindo aquela água barrenta.

– Breeeenoooo, quero ver se você me pega!, repetia a sereia do rio com sua voz sedutora.

– Ele está enfeitiçado, Pilar. Falar não adianta nada, suspirou Maiara, sem esperanças.

Como falar não adiantava, decidi agir. Afinal, Breno já estava quase sem forças e nem conseguia mais nadar. Apenas boiava, exausto.

– Breeeenoooo. Venha comigo! , chamou Iara, estendendo a mão para ele.

– Olhe lá, Pilar. É agora! A Iara está se preparando para puxar Breno para o fundo do rio! Ai, não quero nem ver, disse Maiara, tapando os olhos.

– Não! Eu não vou deixar esta sereia levar meu amigo embora, mas não vou mesmo!

Então, entreguei meu gato a Maiara, agarrei uma boia que estava presa ao barco e, antes de me lançar na água, Bira prendeu a ponta de um de seus anzóis em meu vestido, dizendo:

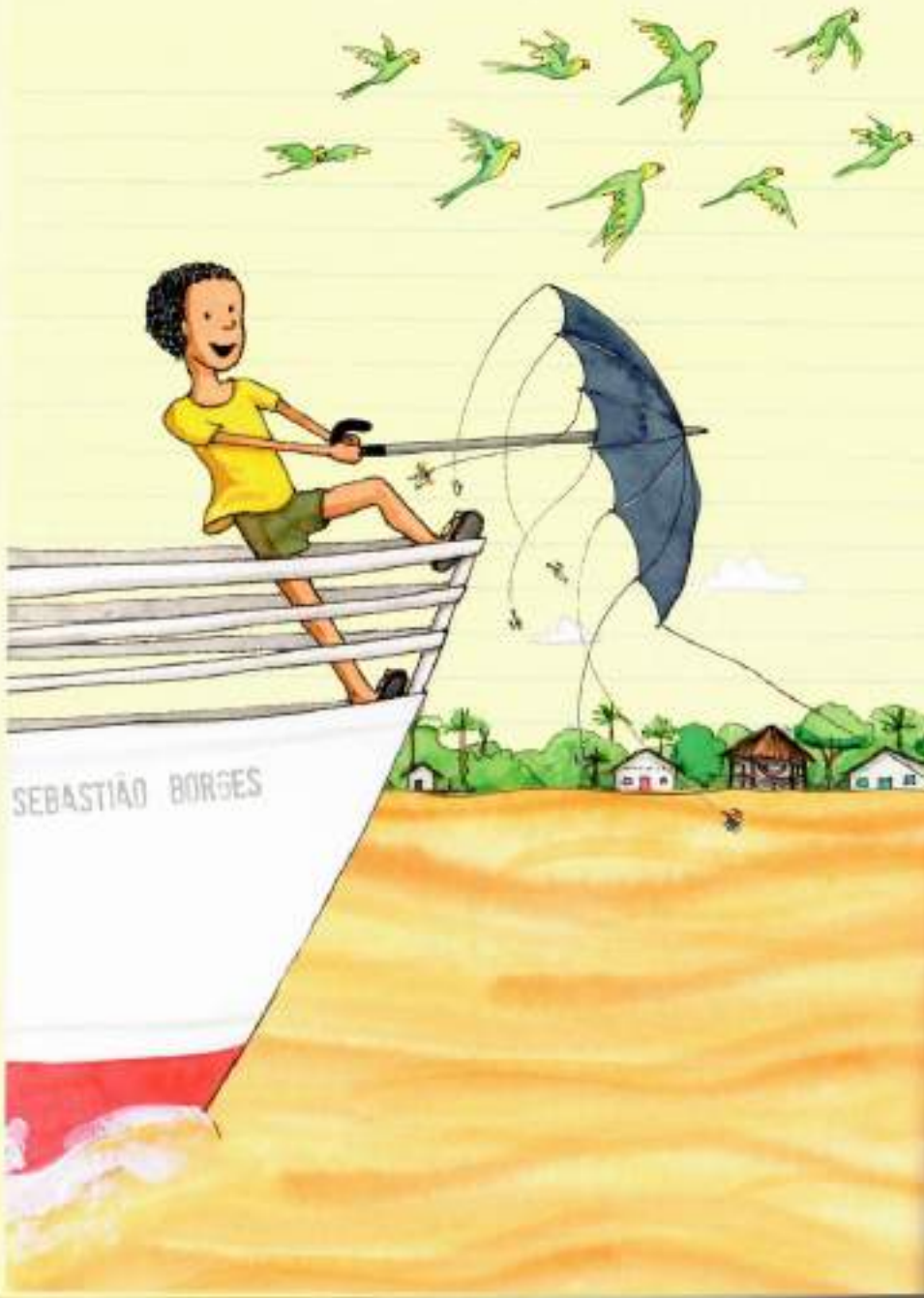
– Leve isto e me ajude a fisgar a peixona!

Nem tive tempo de discutir. Pulei na água e saí nadando o mais rápido possível em direção à mulher-peixe. Só que ela

era mil vezes mais veloz do que eu e se movia rapidamente pelo rio. Se eu conseguisse agarrar aquela sereia pelos cabelos, diria poucas e boas para ela:

– Desista do meu amigo sua... sua *escamorosa*! Sereia metida, escamada, horrorosa!

Mas meu grito mal saiu. Só engoli água. A verdade é que eu jamais conseguiria alcançar a Iara e já não sabia o que fazer para resgatar meu amigo...



Era uma vez Breno...

Eu já estava sem esperança alguma quando me lembrei do anzol que Bira havia prendido no meu vestido. Levantei-me um pouco sobre a boia e lancei o anzol. Breno não falava, não reagia, e a última coisa que vi foi a Iara mergulhando com ele...

De repente, porém, vi a sereia passar de marcha a ré, pertinho de mim. A princípio, não entendi muito bem o que estava acontecendo. Olhei para trás e vi Bira na borda do barco, puxando o anzol, todo empolgado:

– Fisguei a peixona! É minha! Toda minha!

Para tentar livrar-se do anzol, a sereia teve de largar Breno. Sem perder nem um minuto, mergulhei no rio e agarrei meu amigo pela camisa antes que afundasse de vez. Quando conseguimos voltar à superfície, gritei para Maiara:

– Puxe a boia! Tire a gente daqui!

Foi o que Maiara fez: puxou a boia com força, levando a gente de volta para o barco. Deitado no convés, Breno não respirava, não se movia.

– Alguém precisa fazer respiração boca a boca nele, disse Bira, enquanto recolhia a linha com a sereia dependurada.

Apertei bem o peito de Breno, tapei o seu nariz e encostei minha boca na dele, inspirando fundo e soltando ar lá dentro. Essa foi a primeira vez que nossas bocas se encostaram, mas o momento não era nada romântico. Eu só queria salvar a vida do meu grande amigo e faria qualquer coisa para que ele não morresse.

– Acorde, Breno! Fale comigo, por favor.

– Calma, Pilar, ele ainda está sob o efeito do encantamento da sereia, disse Maiara.

Ele continuava sem se mexer e segui apertando seu peito, fazendo aquela respiração artificial, cada vez mais preocupada. Breno não podia morrer por causa de um celular ou por um maldito feitiço de sereia. Não podia! Enquanto isso, Bira se exibia ao lado da sereia e já cobrava dinheiro de todos que queriam tirar foto perto dela. Eu, porém, só desejava que a

Iara desaparecesse para sempre no fundo do rio. Para minha surpresa, de repente a mulher-peixe bateu seu rabo no convés, deu um salto, aproximando-se de mim, e disse:

– Que ousadia! Nunca antes uma mulher me enfrentou ou me venceu!

– Vai ver poucas mulheres tentaram, respondi com raiva.

– Você merece o respeito das águas. Pode me fazer um pedido, se quiser, me disse ela, inesperadamente.

– Fazer um pedido?, estranhei.

– Isso mesmo. Se poupar minha vida, talvez eu possa ajudá-la.

– Então quero que desencante o meu amigo Breno, falei, ainda brava.

– Não se preocupe. Ele já vai desencantar, ela afirmou.

Em seguida, a sereia tentou escorregar para fora do barco, mas Samba arranhou seu rabo e ela gritou de dor:

– Me solte! Me largue! Eu não sou peixe!

Tive que rir. Aquela sereia bem que merecia uma lição, e meu gato era mesmo um parceiro fiel. Sabia me defender como ninguém! Acontece que senti pena ao ver aquele ser, mais peixe do que gente, respirando ofegante sob o sol forte, fora da água.

Além disso, Bira tinha planos exagerados para a sereia dos rios:

– Vou colocar a Iara num aquário e cobrar ingressos! Vou ganhar um bom dinheiro!

Eu jamais ficaria amiga daquela sereia, mas resolvi me aproximar, mostrando a foto do meu pai:

– Por acaso você conhece este homem?

– Homem bonito...

– Você sabe se ele afundou neste rio?

– Não... no fundo das águas o homem bonito não está, respondeu Iara, e eu acreditei nela.

Puxei a foto de volta e soltei o anzol que prendia seu rabo. A sereia deu um novo salto e voltou para o rio Amazonas, sumindo sob a água. Antes de partir, porém, ainda arrancou a câmera das mãos de Bira, levando para o fundo do rio todas as fotos que ele havia tirado.

– Minha câmera! A prova da minha grande pescaria, ele gritou, furioso.

– Não mergulhe atrás dela..., murmurou uma voz conhecida.

Ao olhar para trás, vi Breno tentando se sentar. Na mesma hora, corri e dei um abraço nele, aliviada.

– Ainda bem que você desencantou!

– Desencantei? O que foi que aconteceu?, Breno quis saber.

Muito falador, Bira resolveu contar sua versão da história:

– Você ficou vidrado na sereia! Quase se mandou com ela para o fundo do rio. Por sorte eu consegui pescar a peixona e sua amiga ai trouxe você de volta.

Bira pescou a sereia com o seu guarda-chuva! Acredita?, contei.

Esta sua invenção até que funciona bem. Foi a melhor pescaria da minha vida. Imagine: consegui pescar uma sereia de verdade! Foi sensacional! Pena que a peixona fugiu, levando minha câmera. Eu tinha tantos planos incríveis..., lamentou Bira.

Como a pescaria havia terminado, ele devolveu o guarda-chuva a Breno, e Maiara resolveu narrar com detalhes a parte

final do resgate, contando até sobre a respiração boca a boca:

– ... então Pilar encostou a boca na sua, apertando o seu peito. Parecia até uma salva-vidas profissional!

Neste momento, Breno olhou para mim, rindo, e me provocou:

– Quer dizer que você aproveitou que eu estava desacordado para me beijar, Pilar?

– Primeiro, você não estava desacordado, estava encantado. Segundo, foi apenas uma respiração técnica para salvar sua vida!, falei, sentindo o rosto esquentar.

– Pena que eu não vi... Acho que perdi o melhor da história!, ele brincou, piscando para mim.

IARA
Sereia dos rios, tem rabo de peixe e corpo de mulher. Também é chamada de Uiara. Seu canto encanta os homens, que se deixam arrastar para o fundo do rio. Se voltarmos a encontrar essa mulher-peixe, vou colocar algodões nos ouvidos do Breno!

Nas águas do Tapajós

Depois da aventura no rio, Breno, Samba, Maiara e eu nos jogamos em nossas redes, exaustos, e dormimos por muitas e muitas horas. Acordamos com um tranco e um longo apito: a gaiola acabava de atracar no porto de Santarém, no estado do Pará.

– Vamos ficar aqui mais de duas horas, pois desembarcaremos quinhentos sacos de castanha. Quem quiser, pode ir passear um pouco, avisou o capitão do barco.

– Querem conhecer a floresta encantada?, convidou Bira, aproximando-se.

– Floresta encantada? Isso deve ser lindo!, exclamei, curiosa como sempre.

– Pilar, florestas encantadas não existem!, respondeu Breno, com um certo mau humor.

– Também dizem que sereias não existem e ontem você quase sumiu do mapa com uma delas, falei.

– Ouvi dizer que Alter do Chão é um lugar lindo que fica aqui perto, comentou Maiara.

– Isso mesmo. É lá que fica a floresta encantada e as praias mais bonitas do rio Tapajós!, confirmou Bira.

Enquanto Breno se espreguiçava na rede, cheio de dúvidas, Samba não perdeu tempo: pulou do meu superbolso e saiu do barco.

– Isso mesmo, Samba. Vamos lá! Não é todo dia que temos a chance de conhecer uma floresta encantada. Quero muito experimentar estas praias de rio!

– Não acredito, Pilar. Você nunca viu praia de rio?, estranhou Maiara.

– Nunquinha. Como é?

Então, ela e Bira começaram a descrever:

– É doce!

– É calma!

– Como uma piscina gigante!

– Vocês vão adorar!

– Ora, vamos logo!, pedi, já ansiosa.

– Mas... E se o barco partir antes que a gente volte?, ponderou Breno.

– Se partir, nós embarcamos em outro depois, arrisquei.

– Está bem. Mas é melhor levar a rede mágica com a gente, ele sugeriu.

Breno e eu dobramos a rede mágica muito bem dobrada, até caber no meu superbolso. Maiara guardou suas coisas na mochila e veio se encontrar com a gente. Quando nós três desembarcamos, Bira já nos aguardava num barco pequeno, com um motor comprido na popa.

– Fale a verdade, Bira: você sabe pilotar isso?, questionou Breno, desconfiado.

– Claro que sei. Sei pescar sereia, sei caçar onça...

Enquanto Bira contava suas histórias, notei que ali no porto havia vários vendedores oferecendo milho cozido, mingau de banana, banana frita, tapioca, mugunzá. Antes de partir, resolvi mostrar a eles a foto de meu pai, torcendo para que um deles pudesse me ajudar:

– Olá, será que vocês já viram este homem?

Um dos vendedores ficou em dúvida. Mas os outros disseram que nunca tinham visto ninguém parecido com meu pai pelas redondezas. De dentro do pequeno barco, Bira me apressava:

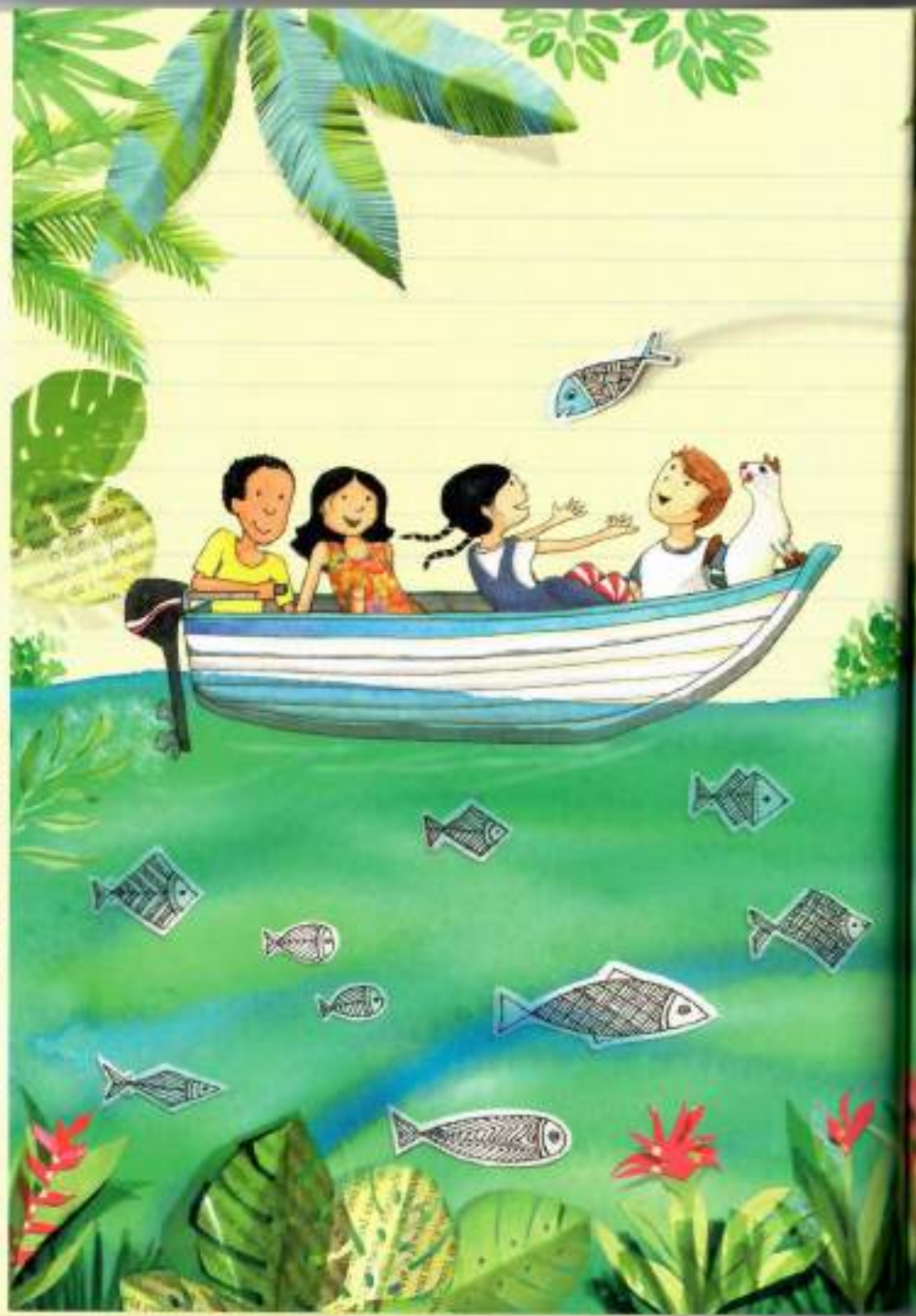
– Venha logo, Pilar. Temos que aproveitar o dia!

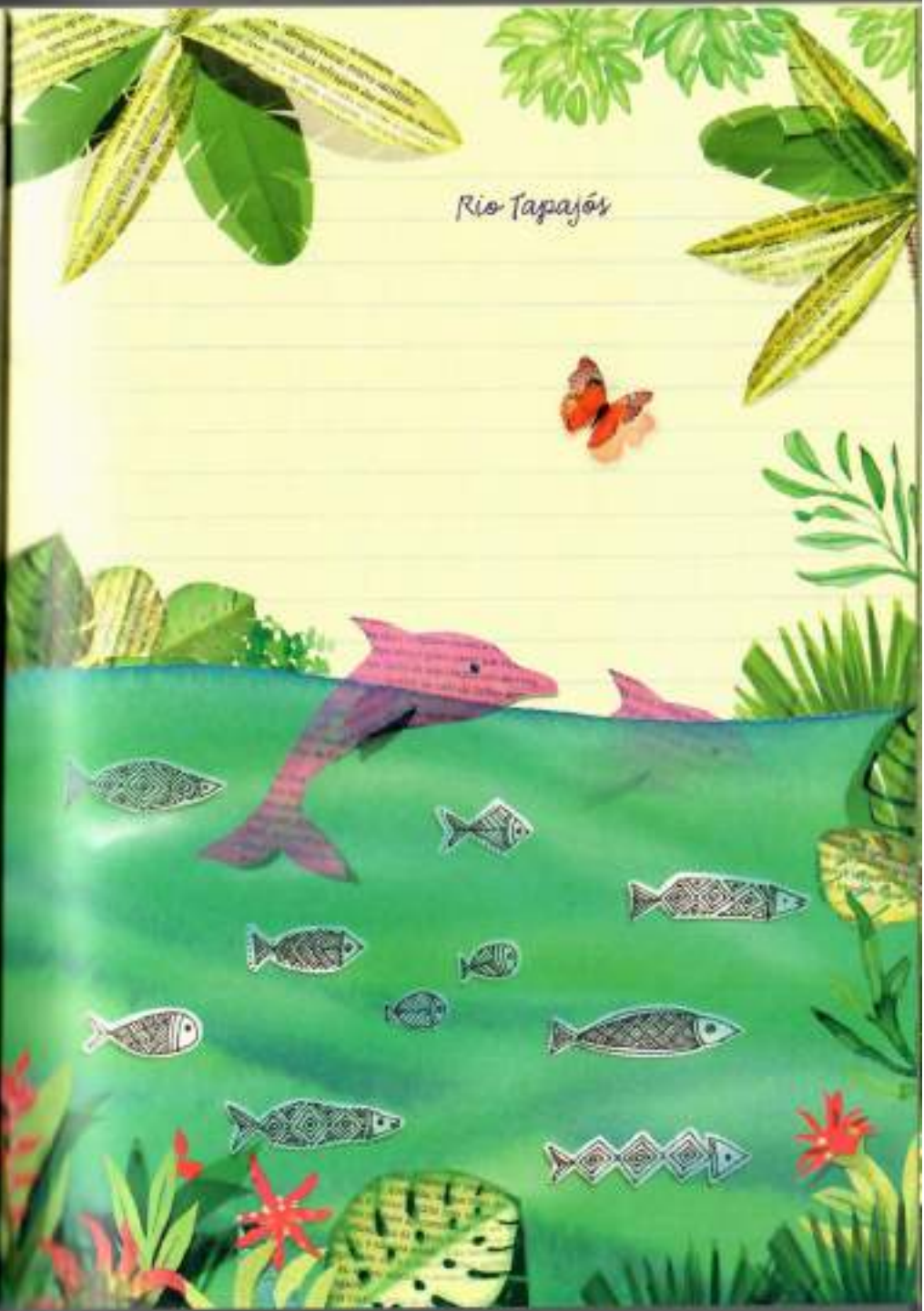
Um pouco desanimada, guardei a foto novamente no superbolso e entrei com Samba no barco. Navegando pelo rio Tapajós, fiquei completamente *embarabalhatada* com a beleza da água: verde-esmeralda, limpa, cristalina. Bastava olhar para o rio para ver os peixes passando em cardumes. Eram tantos que, subitamente, um deles deu um salto na água e caiu por acaso dentro do barco. Samba mal podia acreditar na própria sorte. Soltou um miado e, sem perder tempo, abocanhou o coitado.

– Acho que Samba vai gostar deste lugar!, comentei.

– Vocês vão ficar impressionados com a beleza de Alter do Chão. Preparem-se!, avisou Bira, orgulhoso de sua terra.

De repente, ouvimos um barulho na água. Em seguida, vimos várias bolhas se formando. Então, surgiu um esguicho!



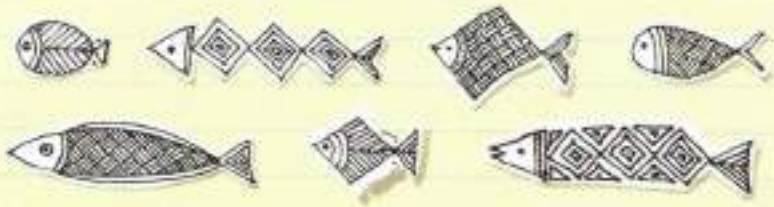

Rio Tapajós

Eram dois botos cor-de-rosa que acompanhavam o barco, pulando e brincando sobre as ondas que faziamos ao passar. Fiquei fascinada e quis chamar os dois, mas Maiara temia que fossem homens disfarçados querendo namorar nós duas.

Depois de ter sido quase afogado pela Iara, Breno ficou preocupado e pediu a Bira que acelerasse. Que pena! Os botos ficaram para trás, saltando sobre as ondas, lindos, lindos!

RIO TAPAJÓS
Nasce no Mato Grosso, segue para o estado do Pará e deságua no Amazonas.
Tem água verde cristalina.
É repleto de peixes, botos, tartarugas.
Um dos rios mais bonitos que já vi na vida!
Parece uma piscina gigante!

Sua beleza deixa a gente completamente EMBARABACHATADA!



A floresta encantada

Depois de algum tempo, chegamos a um rio estreito, onde Bira diminuiu a velocidade. Uma família de macacos veio nos receber, pulando sobre as árvores e soltando pequenos guinchos, como se avisassem a toda a floresta que novos visitantes entravam na mata por aquele caminho feito de água.

Junto a uma casa de madeira pintada de vermelho, Bira atracou o barco e fomos recebidos por uma senhora morena muito simpática que limpava um peixe gigantesco.

– Eu preciso ver este peixe de perto!, exclamei, pulando do barco.

– É maior que tubarão!, disse Breno, boquiaberto.

– Mas não tem aquele mundaréu de dentes assustadores! Aposto que é o famoso pirarucu!, arrisquei.

– Acertou! É o maior peixe dos nossos rios!, comentou Maiara.

Ao sentir o cheiro do pirarucu, Samba pulou do meu superbolso e mordeu o rabo do peixão, tentando arrastá-lo. A senhora que limpava o peixe começou a rir:

– Um gato tão pequeno para um peixe tão grande!

– Ele pensa que é um leão!, disse Breno.

– Ele deve estar com fome. Aliás, eu também!, falei, ouvindo a barriga roncar e já sonhando com aquele peixe assado.

– Acho que ainda vai demorar um pouco para ficar pronto. Venham, vou mostrar a vocês um dos lugares mais bonitos desta terra!, chamou Bira.

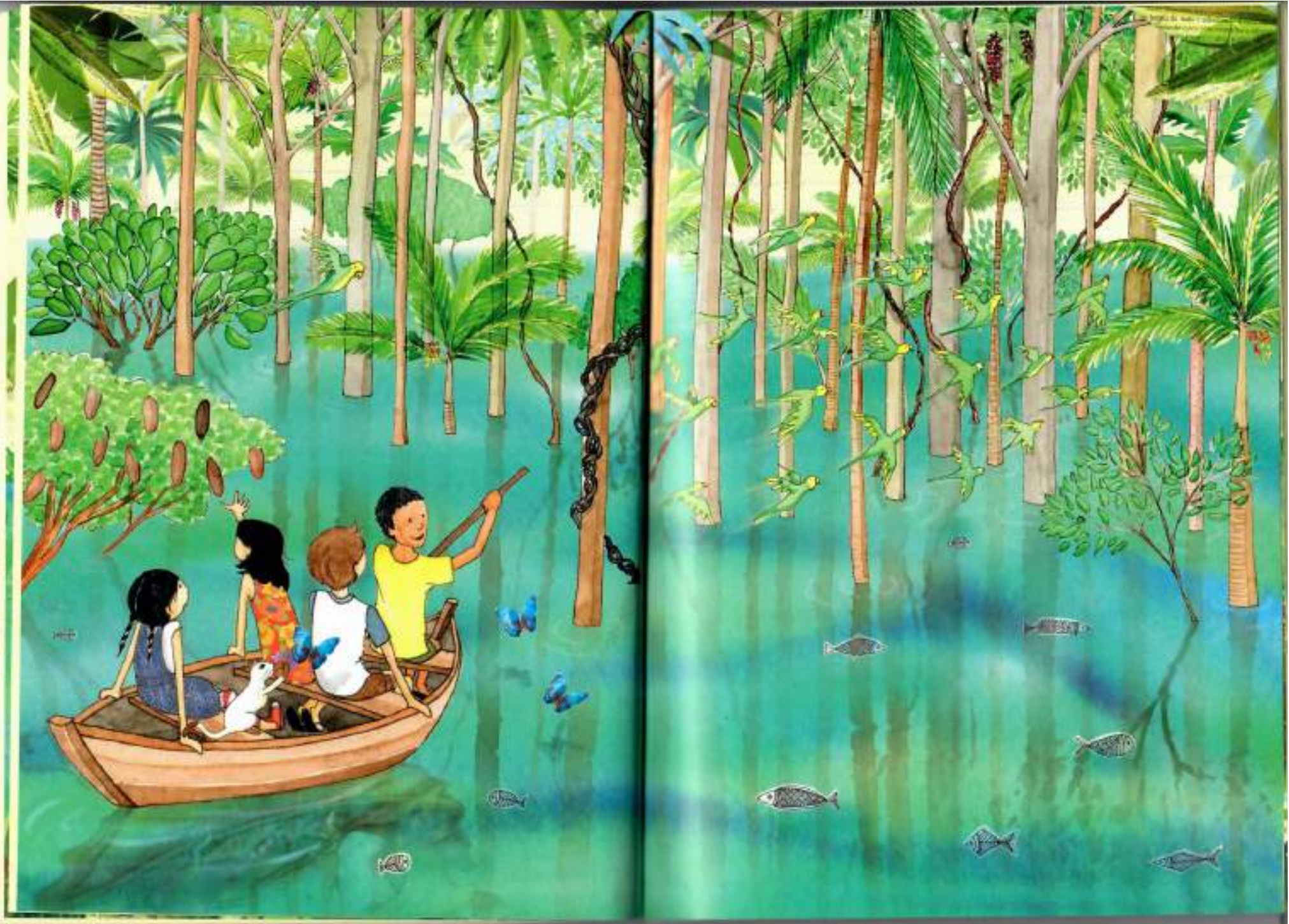
Em seguida, entramos numa pequena canoa a remo e partimos por um rio pequeno, coberto pelo mato. O caminho ali só surgia com as remadas certeiras de Bira, que, sem bússola ou mapa, ia desvendando a direção a ser seguida. Que lugar tão secreto, tão bonito!

Depois de algum tempo, chegamos a um local lindo, com árvores mergulhadas na água. Junto às árvores mais baixas, podíamos tocar nos galhos e até colher frutas. Ao passarmos por um pé de cupuaçu, Maiara colheu um fruto grande sem nem ter de subir na árvore. Depois, bateu o cupuaçu na canoa, abriu e nos ofereceu pedaços deliciosos, azedinhos. Famintos, comemos tudo, enquanto Samba brincava com o caroço.

Quanto mais entrávamos na floresta encantada, maior era o silêncio, a tranquilidade. Num certo momento, Bira parou de remar e ficamos todos calados, ouvindo os pios dos pássaros e os sons da mata. Inesperadamente, surgiram borboletas azuis dançando sobre nossas cabeças. Samba ficou louco: miou, quis brincar com elas e por pouco não caiu na água.

CUPUAÇUZEIRO

Nome científico: Theobroma grandiflorum.
A árvore, típica da floresta amazônica, pode ter até vinte metros de altura.
O cupuaçu é um fruto grande que chega a medir 25 centímetros de comprimento.
Usos: sucos, geleias, doces em calda, sorvetes e bombons deliciosos! Ai, preciso levar uma caixa destes bombons para casa!



Bira parecia respeitar muito aquele lugar e remava com todo o cuidado. A cada vez que o remo tocava a água, o rio brilhava, cintilando. Então, uma revoada de mais de cinquenta periquitos passou por nós, numa cantoria animada. Nunca tínhamos visto nada igual. A natureza ali era mais forte do que todos, e passávamos por ela tentando incomodar o mínimo possível. Quando a canoa esbarrou inesperadamente numa árvore, uma chuva de pétalas púrpuras caiu sobre nós e ficamos todos enfeitados, sorrindo uns para os outros, admirados com tanta beleza.

De repente, tudo se calou e ouvimos um sussurro. Parecia uma voz de mulher, que não sabíamos de onde vinha:

– Cuidem da floresssta. Cuidem...

– Quem disse isso?, indagou Breno.

– Parece coisa da Mãe da Mata, respondeu Maiara.

– Ela mora aqui nesta floresta?, eu quis saber.

– Ela mora em todas as florestas, afirmou nossa amiga.

Ficamos quietos até que algo incrível aconteceu: na copa de uma sumaúma centenária, com quase quarenta metros de altura, vimos surgir um ser que mal conseguíamos enxergar. Seus cabelos, talvez verdes, confundiam-se com as folhas, e as borboletas azuis pousavam sobre seus braços, no mais alto dos galhos. Mais uma vez, ouvimos o sussurro:

– Cuidem da floresssta. Cuidem...

Depois, um vento agitou as árvores e o sussurro desapareceu no farfalhar das folhas. Permanecemos em silêncio ainda algum tempo, olhando para aquela sumaúma gigante totalmente perplexos.

Quebrando o silêncio, ouvimos o som de uma serra elétrica rasgando o ar. Logo depois, avistamos um mateiro começando a cortar uma árvore de quase trinta metros de altura.

– Minha nossa! É um pau-rosa. Essa árvore está em risco de extinção!, disse Bira.

– Ele não pode fazer isso! Nós temos que impedir!, exclamei, aflita.

Ao som da serra, os pássaros se calaram, o sol se escondeu atrás das nuvens e fez-se noite na floresta.

SUMAÚMA

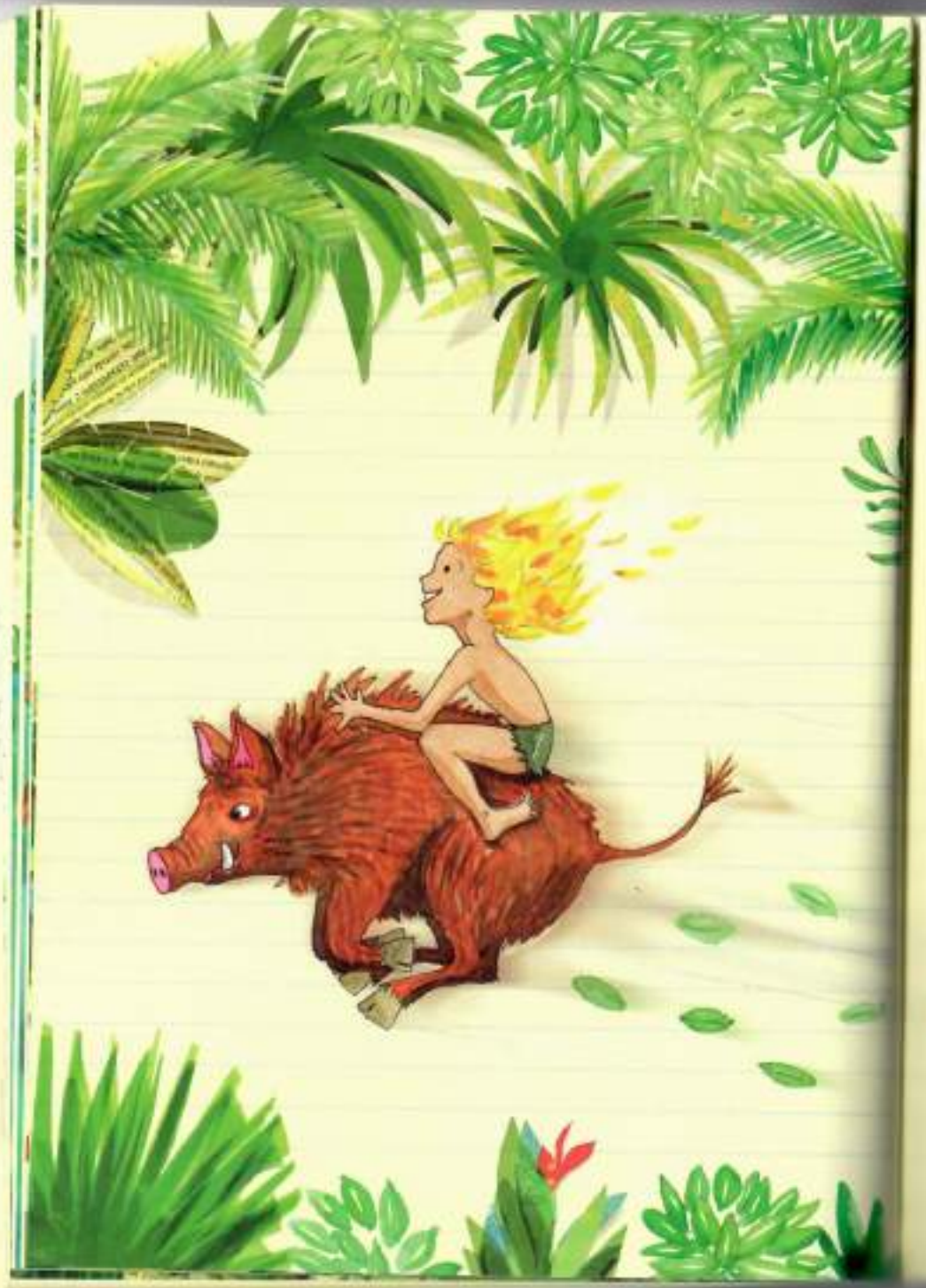
Nome científico: Ceiba pentandra.

Lugares onde existe: América do Sul e África.

Altura: no Brasil, pode chegar a cinquenta metros de altura. Na África, dizem que chega a medir setenta metros.

Curiosidade: a paina que envolve seus frutos, chamada kapok, pode ser usada para fazer colchões, travesseiros e salva-vidas, porque é impermeável. Acho que vou guardar um pouco desta paina no meu superbolso para o caso de outro mergulho no rio!

Obs.: Uma vez meu avô me mostrou essa árvore no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. É tão linda e imensa que dá vontade de abraçar.



Perigos da mata

Chocada com a agressão à floresta encantada, desci da canoa e quis correr na direção do mateiro, mas Bira me deteve:

– Melhor você não se meter nisso, Pilar!

– Aquele homem não pode destruir este lugar tão mágico! Vamos lá! Ele vai ter de nos ouvir!

– Acontece que ele deve estar cortando a árvore para atender a alguma encomenda. O pau-rosa é muito usado na indústria de perfume, contou Bira.

– Árvore também vira perfume? Nunca imaginei...

– Cada árvore é usada para uma coisa, Pilar. Tem muitos mateiros que vivem da extração da madeira, a mando de gente braba, poderosa!

– E se a gente chamar os guardas-florestais? A polícia? Sei lá! Só sei que não podemos ficar de braços cruzados! Precisamos agir!, cismei.

De repente, ouvi assovios na mata, senti um arrepio pelo corpo e fiquei meio tonta. Logo depois, passou por nós um ser com cabelos de fogo que vinha montado sobre um porco-do-mato. Não sei dizer se ele estava de frente ou de costas porque tinha os pés virados para trás e vinha seguido por vários porcos-do-mato que guinchavam, furiosos, mostrando seus dentes grandes e afiados. Com medo, Maiara e Bira logo se esconderam atrás de um arbusto. Breno e eu agarramos Samba

e fizemos o mesmo. Através das folhas, víamos os porcos-do-mato cercando o mateiro, prontos para atacar. Assombrada, perguntei baixinho a Maiara:

– Quem é esse dos cabelos de fogo?

– É o Curupira!, respondeu minha amiga.

– Mas ele é "do mal"?

– O Curupira sempre protege a natureza, Pilar. Ele detesta quem maltrata a floresta.

– Está aí! Já gostei do Curupira! Deve ser boa gente!, falei.

– Mas é melhor não se meter no caminho dele, disse Bira.

– Ou seja: nada de querer ficar amiga dele, como você faz com todo mundo, ok, Pilar?, pediu Breno.

Diante de todos aqueles comentários, tratei de ficar quieta, observando o Curupira de longe. Então, Bira contou que o Curupira mora na sapopema da sumaúma e gosta de ganhar presentes, especialmente fumo e cachaça. Como não tínhamos nada disso, improvisamos outros presentes que colocamos junto das raízes daquela árvore enorme: eu deixei um dos meus apitos de chamar passarinho; Maiara ofereceu algumas ervas que trazia em sua bolsa de palha; Bira colocou ali seu canivete. Breno, que não liga muito para essas coisas, não deixou presente algum.

Ao sairmos de trás da sumaúma, ouvimos um guincho horrível e fechei os olhos para não ver o mateiro ser devorado vivo pelos porcos. Logo depois, no entanto, Breno me cutucou, boquiaberto:

– Você viu, Pilar? Os porcos sumiram! Viraram morcegos! Como é possível?

– O Curupira tem muitos poderes. Sempre pode se transformar em outros!, informou Maiara.

– E será que estes morcegos são carnívoros? Será que vão morder o mateiro?, perguntei.

– Nunca vi nada disso! Parece até coisa de filme!, exclamou Breno.

Enquanto o mateiro tentava se livrar da nuvem de morcegos, escutávamos seus gritos, sem saber se estava sendo mordido, sugado ou comido vivo!

CURUPIRA
Tem cabelos de fogo e pés voltados para trás.
É o grande defensor da floresta.
Mora na sapopema da sumaúma, ou
seja, na raiz dessa grande árvore.
Pode se transformar em vários seres.
Às vezes surge na floresta montado num porco-do-mato.
É amigo de quem gosta da mata e inimigo de quem
maltrata a natureza.
Bira nos disse que é melhor deixar um presente quando
entrar na floresta para ficar sempre em paz com ele!

Preocupada com a revolta da floresta, Maiara começou a nos empurrar na direção da canoa:

– Vamos embora daqui agora mesmo! Isso é vingança da Mãe do Mato!

A caminho da canoa, no meio da escuridão, sentimos os morcegos passarem voando sobre nós, sumindo logo em seguida. Olhei para trás, procurando o mateiro, mas nem sinal: ele havia desaparecido. Ainda buscávamos a canoa na mata escura quando ouvimos um rugido assustador.

– Que foi isso?, perguntei, arrepiada.

Sem mexer nem mesmo a boca, Bira sussurrou para nós:

– Fiquem parados! Isso é rugido de onça!

Entre feras

Ao ouvir aquele rugido pela segunda vez, apertei a mão de Breno, apavorada:

– Precisamos ir para um lugar mais seguro!

– Concordo! Mas como? Para onde?

Foi quando me lembrei:

– Onde está o seu guarda-chuva-helicóptero? Temos que subir em alguma árvore!

Por sorte, Breno havia trazido sua invenção no bolso, que começou a girar assim que foi aberta.

– Quer testar meu helicóptero pessoal, Pilar?

Na primeira tentativa, voei alguns centímetros e logo caí estatelada no chão.

– Por que eu sempre tenho que testar suas invenções mal-inventadas?, reclamei, limpando os joelhos.

– Acho que entrou um pouco de água, mas agora vai funcionar, disse ele, sacudindo a engenhoca.

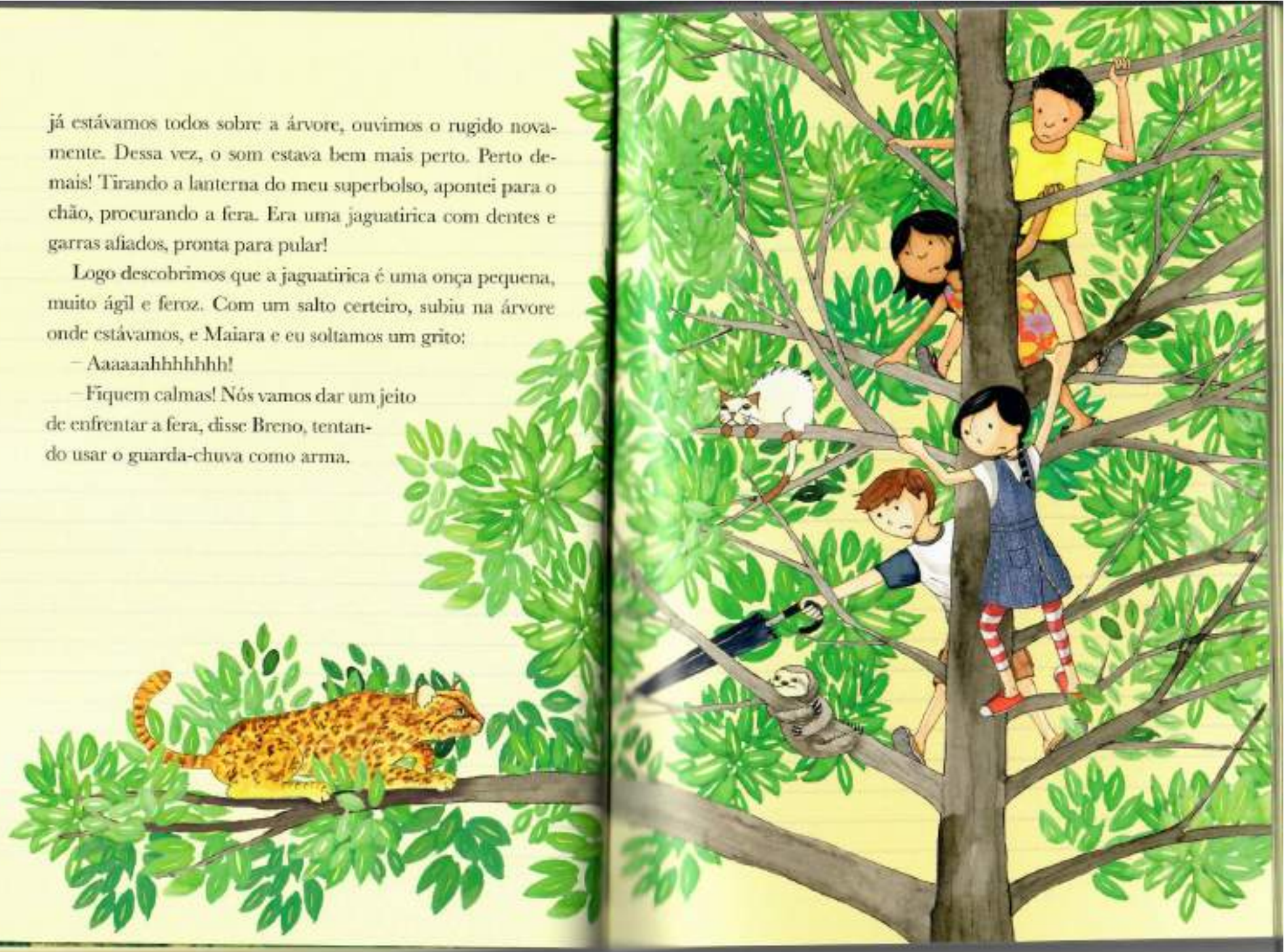
Samba se ofereceu para testar a invenção e pulou sobre ela, voando até pousar num galho bem alto. Depois, abocanhou e jogou o guarda-chuva de volta para nós. Apesar de ser bem mais pesada que meu gato, decidi testar o invento mais uma vez e, finalmente, funcionou. Agarrada ao cabo do guarda-vento, fui parar na copa da árvore, de onde lancei o guarda-chuva para Breno, Bira e Maiara. Quando, por fim,

já estávamos todos sobre a árvore, ouvimos o rugido novamente. Dessa vez, o som estava bem mais perto. Perto demais! Tirando a lanterna do meu superbolso, apontei para o chão, procurando a fera. Era uma jaguatirica com dentes e garras afiados, pronta para pular!

Logo descobrimos que a jaguatirica é uma onça pequena, muito ágil e feroz. Com um salto certeiro, subiu na árvore onde estávamos, e Maiara e eu soltamos um grito:

– Aaaaaahhhhhhh!

– Fiquem calmas! Nós vamos dar um jeito de enfrentar a fera, disse Breno, tentando usar o guarda-chuva como arma.



Enquanto isso, a jaguatirica subia pela árvore, galho após galho. Eu bem que me esforcei para afugentar a fera, lançando lupa, apito, caderno e vários outros objetos que encontrei no fundo do meu superbolso. No entanto, tudo isso só atiçava a jaguatirica, que rosnava, feroz. Muito nervosa, Maiara apertou meu braço:

– Se ela atacar, já era!

– Tente ficar imóvel, Maiara. Você também, Pilar!, disse Bira.

– E você tente ficar quieto!, Breno disse a Bira.

Então, vimos aquela pequena onça dar um grande salto, alcançando o galho abaixo de nós. Maiara e Bira saíram escalando árvore acima, enquanto Breno e eu ficamos paralisados de medo. Ao olharmos para baixo, porém, percebemos que a jaguatirica não olhava para nós. Parecia muito mais interessada em um filhote de bicho preguiça que estava agarrado ao galho abaixo do nosso, todo assustado. Mostrando sua força, a pequena onça saiu dando patadas no filhote.

– Coitadinha da preguiça! Não quero nem ver, lamentei.

A jaguatirica arreganhou seus dentes e já estava pronta para abocanhar sua presa quando Samba pulou dos meus braços, colocando-se entre o filhote e a onça.

– O que deu neste gato, Pilar?, exclamou Breno, nervoso.

– Ele está tentando salvar a preguiça!, falei, orgulhosa.

– Chame seu gato de volta ou ele vai virar picadinho em dois minutos!

Nem tive tempo de agir. Para surpresa de todos, meu gato soltou um longo miado e girou em torno da jaguatirica, todo cheio de si. A pequena onça, por sua vez, no lugar de atacar meu gato, imitou seu miado. Samba desceu da enorme árvore, sempre miando, como se chamasse a jaguatirica para algum encontro especial. Por mais incrível que pareça, ela foi atrás dele, com o rabo entre as pernas.

– O que está havendo?, perguntou Breno, sem entender nada.

– Acho que rolou um clima de... amor animal!, falei, rindo.

– Será possível? Eles são de espécies diferentes!, estranhou Breno.

– Nesta floresta encantada tudo é possível, afirmou Bira.

– ...e o amor não acontece só entre iguais. É sempre uma coisa meio mágica, inexplicável. Não acham?, completou Maiara.

Curiosa, puxei o binóculo do meu superbolso e vi Samba e a jaguatirica embolados, rolando pelo chão, ronronando um para o outro. Tive que rir:

– Isso é mesmo incrível! Samba resolveu namorar logo a gata mais selvagem da floresta!

– Essa eu tenho que ver!, disse Breno, tomando o binóculo das minhas mãos.

JAGUATIRICA

Nome científico: Felis pardalis.
Mamífero da família dos felídeos.
Mede cerca de sessenta centímetros e pesa até onze quilos.
Em muitos países, a jaguatirica já está extinta e, no Brasil, ela também corre esse risco.
Outros nomes: ocelote, gato-do-mato, gato maracajá, gatoaçu.
Tamanho: não é muito grande.
Coloração: amarelada, com manchas pretas.
Surreal! Acho que Samba está apaixonado por essa gata selvagem!

Um Kererê muito querido

Assim que Samba levou a jaguatirica para longe e tudo se acalmou, Maiara desceu para o galho mais baixo da árvore e pegou o bicho preguiça nos braços:

– Venha comigo, venha! Você não pode ficar sozinho!

– Como será que ele se perdeu da mãe?, eu quis saber.

– Será que a preguiça-mãe virou jantar de onça?, questionou Breno.

– Bom, pelo menos o filhote conseguiu escapar. Mas eu bem que gostaria de saber como um bebê-preguiça consegue fugir das feras se é tão devagar!, falei, intrigada.

– Acho que é porque as preguiças ficam imóveis, fingindo-se de mortas para não serem notadas, comentou Breno.

– Pois eu acho que é porque as preguiças são ótimas nadadoras! Vai ver este filhote fugiu pelo rio, disse Maiara, já pulando no chão com o bichinho no colo.

– Que lindo! Posso pegar um pouquinho?, pedi, adorando a novidade.

Maiara colocou o filhote nos meus braços e, completamente encantada, abracei aquele bichinho manso e tranquilo. Que coisa fofa! Parecia um bebê! Fiz carinho em suas costas, dei a ele uma folha, depois ele girou a cabeça mais de 180 graus, acompanhando a nossa conversa.

– Agora me dê ele aqui. É melhor partirmos logo!

– Você vai levar o filhote, Maiara? Acha que sabe cuidar dele?, estranhou Breno.

– Claro que sei. Bicho preguiça adora comer folha de embaúba. Já tive dois lá em casa. E agora ele vai comigo por onde eu for.

Percebi que ter bicho preguiça de estimação é um hábito bastante comum para quem vive na floresta amazônica. Em vez de ter gato ou cachorro, as pessoas criam preguiças soltas pelo jardim. Ai, se eu morasse numa casa com jardim! Ai, se minha mãe deixasse... como eu queria poder cuidar de um bicho preguiça também! É tão bonitinho! Mas para isso eu precisaria morar numa floresta ou numa fazenda... Como moro num *apartamenticulo*, achei melhor curtir um pouco a preguiça de Maiara:

– Que nome você vai dar a ele?, perguntei.

– Vai ser Kererê! Que acha?, disse Maiara.

– Adorei. E ele já é mesmo muito *quererido*!, brinquei.

folha de embaúba

BICHO PREGUIÇA

Nome científico: Bradypus infuscatus.
Tem pelos longos, olhos caídos, fooofo!
Pode ter dois ou três dedos (com unhas enormes!).
Alimenta-se de folhas e faz jus ao nome: dorme quatorze horas por dia!
Quando está sobre as árvores, é o maior preguiçoso. Mas na água é um grande nadador!
O bicho preguiça filhote é todo dengoso. Parece um bebê! Muito quererido!

Seguimos Bira pela floresta rumo à canoa. Antes de partir, Breno e eu chamamos Samba. Chamamos dez, cem, mil vezes e nada do meu gato voltar.

– Onde o Samba se meteu? Como vou embora sem ele?

– Alguma hora ele vai vir atrás de você, Pilar!, falou Breno, tentando me consolar.

– Mas a floresta é imensa!

– Venha, Pilar. Nós temos que ir, disse Breno, me abraçando.

Não tínhamos escolha, precisávamos sair dali antes que surgisse outro perigo. Tudo o que eu podia fazer era torcer para que Samba viesse nos encontrar depois do seu "namoro"...

Seguimos andando e, quando já estávamos quase chegando na canoa, Maiara apertou meu braço, muito nervosa:

– Está sentindo esse pitiú horrível?

– Pitiú? Que pitiú?, estranhei, sem jamais ter ouvido aquela palavra.

– Essa catinga, um cheiro ruim demais. Isso só pode ser pitiú de cobra!, exclamou nossa amiga.

– E cobra tem cheiro?, Breno indagou, intrigado.

– Se tem! E é ruim como o quê. Não estão sentindo? Tem cobra por perto, aposto que tem!, alertou Maiara.

Não sou de ter medo de muita coisa, mas de cobra eu tenho pavor! Só de pensar que podia haver uma escondida ali pelo mato, senti as pernas tremerem e fiquei paralisada. Foi então que Maiara começou a gritar, apontando para a canoa:

– É a Boiuna! É a Boiuna!

Peguei a lanterna, iluminei a canoa e aí vimos que dentro dela havia uma cobra enorme de olhos tão acesos que pareciam faróis. A bichona devia ter quase dez metros de comprimento e estava toda enrolada no corpo do mateiro.

Abraço de sucuri

Nunca senti tanto medo em toda a vida! Aquilo não era medinho tipo pesadelo não. Era um tremendo de um *medunço*, um nome que acabei de inventar para o pior medo que pode existir neste mundo. A cobra que espremia o mateiro era assustadora, horrível, nojenta. Tentei gritar, mas a voz não saiu da garganta. Tentei correr, mas minhas pernas não se moveram. Tudo o que consegui foi apertar a mão de Breno. Enquanto isso, Maiara repetia, nervosíssima:

– É a Boiuna, é a Boiuna! É a Cobra-Grande!

– Parece uma sucuri-açu! Uma sucuri gigante. Eu já vi foto na internet!, disse Breno, espantado.

Quando finalmente consegui falar, minha voz saiu baixinha:

– Essa cobra tem veneno?

– Não. Ela aperta até quebrar todos os ossos, depois engole a vítima, disse Bira.

– Precisamos ajudar o mateiro, coitado!, murmurei, chocada.

Imediatamente Bira teve uma ideia. Pegou pedras pelo chão e atirou na cobra, gritando, bem valente:

– Saia daí! Vá embora!

Breno e eu fizemos o mesmo e atiramos várias pedras até que uma delas acertou em cheio a enorme cobra esverdeada. Ao ser atingida, ela se desenroscou do corpo do mateiro e deslizou para a mata, calmamente, como se não ligasse a mí-

nima para nós. Chegando mais perto da canoa, vimos que o mateiro tinha a respiração ofegante e mal podia falar:

– Ela quebrou meus ossos! Quebrou...

– Será que tem hospital aqui perto?, perguntei.

– Não. Estamos longe de tudo, disse Maiara, preocupada.

– Já sei! Vamos até a casa do professor!, decidiu Bira.

Já na canoa, Bira pegou um remo, Breno pegou outro e remaram, apressados, para fora da floresta. Enquanto isso, eu tentava reconfortar o mateiro, que gemia de dor. A noite caía rapidamente e sons cada vez mais estranhos surgiam na mata escura. De repente, o mateiro soltou um longo suspiro e apagou.

SUCURI

Serpente sem veneno que mata por constrição (apertando a vítima até ela perder o ar).
Nome científico: Eunectes murinus.
Tamanho: pode medir mais de doze metros de comprimento.
Cheiro: em geral, na época do acasalamento, a sucuri solta um odor forte para atrair o macho.
Coloração: a sucuri-verde (mais comum na região amazônica) tem pele esverdeada com bolas pretas.
Pode ser chamada de sucuriju, sucuri-açu, Boiuna, Cobra-Grande, Mãe d'Água e Cobra Norato.
Lenda: contam que a Boiuna é uma cobra gigantesca que vive no fundo dos rios e é a guardiã da noite. Tem olhos brilhantes que refletem no escuro e hipnotizam as pessoas: apavorante!
Tenho muito medo de cobras!
Acho que esta noite terei pesadelos terríveis!

AÇU X MIRIM

Nesta viagem, aprendi um pouquinho de tupi-guarani e descobri que açu significa "grande", "comprido", "longo". Sucuri-açu quer dizer "cobra grande"; gatoaçu, "gato grande"; Iguaçu (Foz do Iguaçu), "água grande", "lago grande". Já mirim, quer dizer "pequeno".

A noite e suas histórias

Nossa canoa seguiu pelo rio, iluminada apenas pela lua. Breno e Bira remaram sem parar, até que avistamos uma luz distante: era a casa flutuante do professor. Assim que amarramos a canoa na casa, começamos a gritar:

– Professor, ajude! Tem um homem aqui morrendo!

Então, um homem de camisa branca, calça jeans e chinelos apareceu com um lampião nas mãos:

– Que houve?

– A Boiuna pegou o coitado, professor!, contou Bira.

– Ele foi esmagado por uma sucuri gigante, disse Breno.

– A Cobra-Grande se vingou dele porque ele maltratou a floresta, completou Maiara.

– Ele deve estar todo quebrado por dentro! Precisamos chamar um médico urgentemente, pedi, preocupadíssima.

– Vamos levá-lo para dentro agora mesmo, disse o professor, pegando o mateiro no colo.

Ao ser examinado, o coitado gemeu de dor, mesmo desacordado. A situação era grave e, pelo rádio, o professor conseguiu chamar um médico. Depois, fez uma série de perguntas a Bira:

– Você viu a cobra? Você conhece este homem, Bira?

– Conheço sim. Ele é primo de um primo da minha mãe. Sempre ganhou um bom dinheiro cortando madeira. E a

peçonhenta era enorme, professor! Quase dez metros!

– Devia ser grande mesmo pelo estrago que fez... Acha que pode ir com ele para o hospital, Bira? Ele vai precisar de ajuda.

– Vou sim. Pode deixar.

Após enfaixar as costelas do mateiro, o professor deu a ele um medicamento para aliviar a dor. Quase uma hora depois, uma espécie de *ambulancha* chegou pelo rio, parando na porta da casa flutuante.

– Será que ele vai ficar bom, professor?, eu quis saber.

– Vamos torcer...

– Quase ninguém escapa da Boiuna..., insinuou Maiara.

– Prometo que darei notícias, disse Bira, já partindo na *ambulancha*.

– Aposto que você vai chegar no hospital já "melhorando" a história deste seu primo, implicou Breno.

– Esta história nem precisa ser "melhorada"! Nasceu prontinha!, falou Bira, antes que a *ambulancha* se afastasse.

Depois que eles partiram, o professor ajudou a pendurar as redes para passarmos a noite em sua casa, e também ofereceu cumbucas de açaí com bolinhas crocantes de tapioca, que devoramos, famintos!

Maiara alimentou Kererê com folhas, enquanto eu aproveitei para colocar um pote de açaí do lado de fora da casa, na esperança de que Samba viesse me encontrar. Eu estava cada vez mais preocupada com meu gato. Não sabia se ele ainda estava namorando no mato ou se tinha ido parar na barriga da Cobra-Grande. Só de pensar nisso, senti um arrepio pelo corpo, uma tristeza sem fim. Será que conseguiria sobreviver sozinho no escuro, em meio a tantos perigos? Percebendo minha aflição, Breno foi logo me acalmando:

– Gatos são muito espertos, Pilar. Logo, logo o Samba volta!

– Tomara! Se ele estiver feliz com a jaguatirica, tudo bem. Mas se ele virar jantar de cobra... Ai, nem quero pensar! Será que nunca mais vou ver meu gato?

– Vai sim. Deixe o açaí aí que uma hora ele aparece.

Quando já estávamos todos em nossas redes, Maiara começou a descascar um tucumã e a contar a história da Boiuna, que sua bisavó havia contado para sua avó, que havia contado para sua mãe, que havia contado para ela:

– No princípio, só havia o dia. A noite ainda não existia. Então, todo mundo vivia cansado, cheio de sono, bocejando pelos cantos. Acontece que a filha da Cobra-Grande era casada com um homem muito bom, que trabalhava sem parar. Ele trabalhava tanto que vivia exausto, mas não conseguia descansar porque não havia noite. Para ajudar o marido, a filha da Cobra-Grande contou que sua mãe guardava a noite,

muito bem guardada, lá no fundo do rio num lugar que só ela, a Boiuna, sabia.

– Eu é que não iria atrás dela de jeito nenhum!, falei, ainda com medo.

– Mas três homens muito corajosos se ofereceram para ir conversar com a Cobra-Grande.

– Isso é que é coragem!, exclamei, petrificada.

– Isso é que é maluquice!, comentou Breno.

– Bom, os três homens partiram. Caminharam, caminharam muito, até que chegaram à beira do rio e viram a enorme cobra sobre uma pedra, descansando. Ela era mais comprida do que dez homens juntos! Ao sentir a presença humana, ela colocou a língua bífida para fora e perguntou: "Quem são vocêssss?" "Nós viemos aqui a pedido de sua filha. Ela quer que você nos entregue a noite, para que o marido dela possa descansar", disseram os homens, tremendo de medo. Neste momento, a Boiuna se enroscou toda e já parecia pronta para o bote. Os três homens gritaram, fecharam os olhos e, quando voltaram a abrir, a Cobra-Grande já retornava do fundo do rio trazendo um caroço de tucumã: "A noite está aí dentro. Entreguem este caroço à minha filha e nem pensem em abrir! Entenderam?"

– Essa é boa! Quer dizer que a noite cabia dentro de um tucumã?, estranhou Breno, olhando aquele fruto tão pequeno que Maiara mostrava enquanto contava a história.

– Que interessante! Posso ver de perto?, pedi a Maiara.

Ela me entregou um caroço de tucumã, que comecei a chacoalhar, notando que fazia um barulho estranho. Parecia que havia mesmo algo lá dentro...

Maiara seguiu contando:

– Ninguém podia imaginar, mas a noite estava toda espremida lá dentro do tucumã! E quando os amigos pegaram o caroço, começaram a ouvir coaxar de sapos, barulho de grilos, pios de coruja, e ficaram muito, mas muito curiosos!

– Aposto que abriram o caroço no meio do caminho!, falei, ansiosa.

– Foi isso mesmo! Assim que a Cobra-Grande mergulhou de volta no rio, eles fizeram uma fogueira, amoleceram o caroço e o abriram. Então, a noite saiu lá de dentro e cobriu o céu por muito tempo. A primeira noite foi a mais longa que existiu. Todos acharam que o dia nunca mais voltaria. E como o céu estava escuro, o genro da Boiuna virou um preguiçoso, só dormia o tempo todo!

– Puxa, que sujeitinho sem medidas! Ou trabalha demais ou descansa demais...

– Pois é, Pilar. Mas se ele dormia demais era porque as noites e os dias ainda não haviam sido divididos. Ou havia dia seguido de dia, ou havia uma noite interminável. Insatisfeita com aquilo, a filha da Cobra-Grande pediu à mãe que separasse as noites dos dias, e foi isso que a Boiuna fez. E é assim até hoje:

depois da noite vem o dia; depois do dia, vem a noite.

– E o que aconteceu com os homens que abriram o caroço do tucumã?, eu quis saber.

– Ah, aqueles enxeridos foram transformados em macacos e continuam xeretando tudo o que encontram pelo mato!, riu Maiara.

– Agora é melhor vocês aproveitarem que a noite existe para descansar um pouco. Devem estar exaustos!, falou o professor, já apagando a luz.

Nem sei se Maiara ainda contou mais alguma coisa, pois, pouco depois, meu corpo venceu meus pensamentos e adormeci.

TUCUMÃ

Nome científico: *Astrocaryum aculeatum*.
Um tipo de palmeira que pode medir até vinte metros de altura.
Usos: o fruto é como uma casca fina que muita gente come com tapioca. Do caroço do tucumã as pessoas fazem anéis e brincos.
Lenda: contam que a noite, antes de ser solta, estava todinha guardada num caroço de tucumã. Quando a gente sacode o caroço de tucumã, escuta um barulho muito curioso...

AÇAIZEIRO

Nome científico: *Euterpe oleracea*.
Espécie de palmeira da região amazônica que pode medir até 25 metros e que dá o açaí, um fruto roxo muito importante na alimentação do Norte do Brasil.
Lenda: dizem que açaí, em tupi, significa "fruto que chora". Conta a lenda que uma tribo passava fome e, por isso, o cacique mandou matar as crianças recém-nascidas para diminuir a população. Uma das índias, ao ver a filha morta, teve alucinações e, imaginando ver a filha viva, abraçou-se a ela. Quando encontraram a índia, ela estava agarrada a um açaizeiro carregado. Seus frutos viraram um grande caldo que alimentou toda a tribo.
Usos: o açaí pode ser tomado gelado, com açúcar e tapioca, ou comido, feito pirão, junto com peixe.
Com as sementes são feitos colares lindos!
Meu gato Samba é louco por açaí!

Nosso café da manhã na casa do professor:

Mugunzá
(mingau de milho)

Suco de cupuaçu

Pupunha cozida

Tapioca de queijo

Pios e papos

Quando acordamos, no dia seguinte, o professor havia preparado um café da manhã incrível, com tapioca de queijo, pupunha cozida, além de mugunzá bem doce e quentinho. Para completar, ainda ofereceu suco de cupuaçu, que tomamos até a barriga estufar. Com a luz do dia, comecei a desconfiar que já conhecia o professor de algum lugar.

– Que foi?, ele me perguntou, notando que eu olhava para ele.

– É que... meu gato ficou na floresta e estou com saudade, improvisei, disfarçando uma suspeita que crescia em mim.

– Enquanto o seu gato não volta, que tal a gente tentar chamar alguns passarinhos?, ele me convidou.

– Professor, sabia que a Pilar tem a maior coleção de apitos de chamar passarinhos de todo o Rio de Janeiro?!, contou Breno.

– É mesmo? Posso ver?

– Estão todos no superbolso dela. Quer dizer, quase todos, porque um ficou de presente para o Curupira..., comentou Breno.

– E aposto que o Curupira adorou, disse Maiara.

– Mostre logo, Pilar!

– Calma, Breno. Tem muita coisa entalada aqui neste superbolso e os apitos devem estar lá no fundo!

– Eu também sei imitar alguns passarinhos, falou Maiara, já assoviando pela janela.

Assim que peguei meus apitos, saímos todos para a varanda, onde começamos a chamar os pássaros. Maiara assoviou bonito, chamando os sabiás; Breno pegou um apito de chamar bem-te-vi; eu escolhi um apito para periquito; já o professor, tentou atrair o mais raro e belo dos pássaros amazônicos: o uirapuru. De repente, alguns pássaros se aproximaram e uma jandaia amarela veio pousar bem na cabeça dele. Ao ver aquilo, fiquei maravilhada. Que incrível! Quem me dera atrair um pássaro assim para pertinho de mim, como se eu fosse árvore! O professor notou meu *encantamento* e, lendo os meus pensamentos, falou quase sem se mover para não assustar o passarinho:

– Você também pode, Pilar. Feche os olhos e chame os pássaros. Chame baixinho, com toda a sua vontade! E coloque uns pedacinhos de pão sobre as mãos.

Imediatamente, fiz o que ele disse. Peguei os pedacinhos de pão, fechei os olhos e assoviei sem apito, inventando um piado bem diferente. Assoviei e assoviei com toda a minha vontade, fiquei bem paradinha até que senti uma coceirinha na mão. Ai, que susto! Ao abrir os olhos, lá estava uma saíra-de-bando, com barriga amarela e corpo azul! Tão linda que parecia pintada por algum pintor famoso! Era o pássaro mais bonito que eu já tinha visto na vida! E agora a saíra estava ali, na minha mão, cantando só para mim.

– Que lindeza! E não tem medo de mim!, murmurei, encantada.

– Gostou de você! Converse com ela!, falou o professor.

– Nós já estamos *assomversando* faz tempo!

– *Assomversando*?, estranhou o professor.

– Isso, numa conversa assoviada, sabe? Será que ela me entende? Será que posso virar uma domadora de pássaros?, perguntei, adorando aquilo.

– Pilar, pássaros não são "domáveis". São seres muito livres, disse Breno.

– Tem razão. Então, em vez de domadora eu quero ser encantadora de pássaros. Acha que vou conseguir sempre?

– Talvez. Ela ficou encantada com o seu som, disse o professor.

– E com os pedacinhos de pão, claro!, emendou Breno.

A brincadeira não durou muito e tudo por minha culpa. De repente, senti uma vontade horrível de espirrar e a saída fugiu assustada com meu espirro "atômico"! Depois, meus amigos ainda continuaram apitando e assoviando por um bom tempo, enquanto eu olhava na direção da mata, procurando por Samba. Que saudade do meu gatinho! Onde ele estaria? Não se ouvia nem um miado, nem um sinal do meu felino namoradeiro. Até seu pote de açaí continuava cheio, intato.

Quando os passarinhos se foram, Maiara decidiu alimentar Kererê novamente e Breno seguiu o professor para uma pescaria na beira da casa. Enquanto os dois preparavam os anzóis com as iscas, sentei-me perto deles, tirei a notícia do meu superbolso e, sem demora, resolvi puxar o assunto que tanto me intrigava:

UIRAPURU

Espécies: há muitas espécies de uirapuru, como o uirapuru-vermelho, o uirapuru-selado, o uirapuru-do-norte, o uirapuru-verdadeiro. O nome científico do uirapuru-verdadeiro é Cyphorhinus arada.

Maiara e o professor contaram que o uirapuru traz sorte no amor. Por isso, muita gente andou aprisionando o coitado, que agora está em risco de extinção.

Lenda: dizem que um índio se apaixonou perdidamente por uma índia, mas ela era casada com o cacique da tribo. Como não podia chegar perto dela, o índio apaixonado pediu ao deus Tupã que fosse transformado em pássaro. Seu pedido foi atendido e ele passou a cantar todas as tardes para sua amada.

Infelizmente, não conseguimos chamar nenhum deles. Mas o professor disse que seu canto é o mais bonito que existe: longo, lindo, mágico.

– Professor, por acaso você é este pesquisador aqui do jornal?

– Que coincidência! Onde conseguiu isso, Pilar? Sou eu, sim!, afirmou o professor, surpreso com a notícia que eu mostrava a ele.

Nesta hora, meu coração disparou de alegria! Finalmente eu havia encontrado quem tanto procurava! Breno logo entendeu meu raciocínio e, dando uma de Nico Necas, pegou sua caixinha de fósforos do bolso e saiu disparando perguntas:

– Professor, há exatamente quanto tempo você está escondido nesta floresta fazendo pesquisas? Usa internet? Fica muito isolado?

– O que é isso? Uma entrevista?, ele brincou.

– É uma espécie de investigação. Por acaso você vive aqui há dez anos?, insistiu Breno.

– Mais ou menos isso, riu o professor. Já faz uns dez anos que pesquiso aqui nesta região. Aliás, esta vai ser uma noite muito importante para o meu trabalho e talvez vocês possam me ajudar.

– Professor, só mais uma perguntinha: seu nome por acaso é Roberto?

– É sim, Pilar! Como adivinhou?!

Breno e eu nos entreolhamos, entusiasmados. Na mesma hora minhas mãos começaram a tremer, minha garganta ficou seca e me senti tão nervosa que precisei correr para a casa e tomar um bom copo d'água. Breno logo veio atrás de mim e fizemos uma reunião de emergência da SEI:

– Acha que é ele?

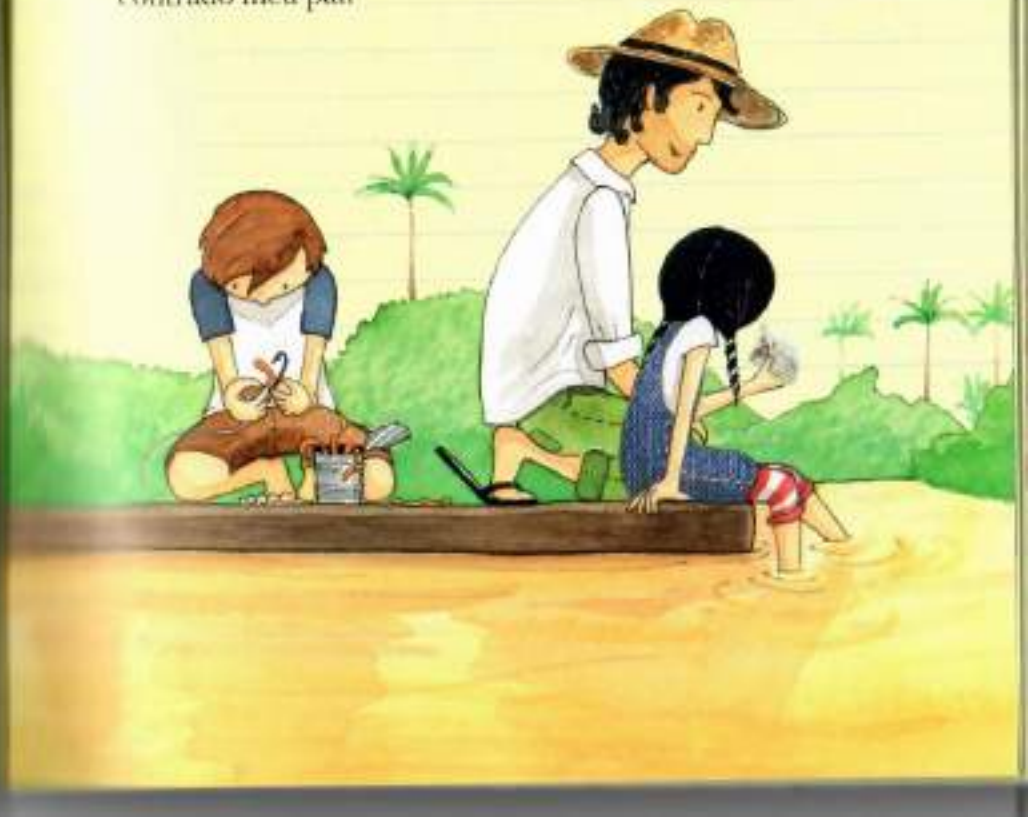
– Só pode ser. Ele tem o mesmo nome do meu pai: Roberto!

– Isso é incrível!, exclamou Breno.

– E agora? Acha que devo falar logo para ele?

– Não, não, Pilar. Vamos esperar mais um pouco para confirmar os fatos, sugeriu meu amigo.

Concordei com Breno e decidimos não falar nada ao professor, por enquanto. Confesso que isso foi bastante difícil, porque minha vontade era gritar bem alto e contar para o mundo inteiro a grande novidade: finalmente eu havia encontrado meu pai!



Carambola

Cestinha da Maiara

Buriti - Como o meu sobrenome! Será que meus antepassados plantavam buritis?

Lua cheia

Assim que voltamos para perto do professor, resolvi oferecer nossa ajuda. Afinal, eu estava prestes a deixar de ser uma *despaizada* e não tinha a menor vontade de partir dali antes de esclarecer muito bem esclarecido o maior mistério da minha vida.

– Pode contar com a gente para a pesquisa de hoje à noite!, falei.

– Mas que pesquisa é essa que você faz há tanto tempo?, Breno quis entender melhor.

– Eu estudo os hábitos das icamiabas, mulheres que vivem nesta mata sem homens em sua comunidade. Como sou homem, só posso observá-las de longe. Mas, uma vez por ano, na sexta lua cheia, elas vão ao Lago Verde, onde se enfeitam e encontram parceiros. Nessa única noite elas deixam os homens chegar perto.

– Gente, é impressão minha ou a sexta lua cheia do ano é exatamente... hoje?!, observou Maiara.

– É hoje sim! Se vocês, meninas, puderem ir ao encontro das icamiabas comigo, talvez elas deixem vocês se aproximarem um pouco mais, disse o professor.

Ficamos entusiasmados em conhecer aquelas índias misteriosas que se escondiam na floresta. Por isso, assim que anoiteceu, embarcamos com o professor numa canoa a remo e

partimos para o Lago Verde. Percorrendo o rio quase sem fazer barulho, chegamos a uma praia de areia muito branca. Meu pai (ai, como é bom escrever essas três letrinhas!) escondeu a canoa atrás de um arbusto e esperamos um bom tempo em silêncio. Por horas e horas, nada aconteceu e percebemos que aquele trabalho exigiria muita paciência.

Algum tempo depois, surgiu na floresta um grupo de mulheres quase nuas, com seus cabelos negros e longos cobrindo seus corpos. Traziam arcos, flechas, instrumentos musicais, cestos e enfeites. Assim que pisaram na praia, prepararam uma grande fogueira e começaram a dançar e cantar em volta dela.

– O que será que elas estão cantando?, perguntei baixinho.

– Elas estão cantando para Jaci, a grande lua, respondeu o professor.

– Jaci é irmã de Coaraci, o sol. Lua e sol são muito importantes para quem mora na floresta. Com a lua cheia, a noite fica clara e os caminhos todos se abrem!, contou Maiara.

Assim que o canto terminou, as icamiabas correram para mergulhar no lago, rindo e se divertindo. Neste instante, o professor perguntou:

– Acha que pode se aproximar delas, Pilar?

– Nunca mergulhei à noite, mas com esta lua enorme nem dá muito medo. Vou sim!

– Eu vou também!, disse Maiara, oferecendo ajuda.

JACI
Lua, em tupi.
Às vezes é chamada de Iaci, ou Iacy.
Considerada a mãe dos vegetais.
Esposa e irmã de Coaraci, o sol.
Adoro as noites de Jaci cheia!
COARACI
Sol, em tupi.
Considerado o criador dos
seres vivos e protetor dos animais.
Marido e irmão da lua, Jaci.
Adoro os dias de Coaraci forte, sem chuva!

Então, nós duas entramos na água e, devagarzinho, nos aproximamos das icamiabas. Logo que nos viram, porém, elas se assustaram e nadaram de volta para a praia. Maiara e eu decidimos não ir atrás delas. Ficamos na água, boiando, e nossa tática deu certo, pois pouco depois elas voltaram, curiosas. Tocaram em nossos cabelos, em nossas roupas. Em seguida, apontaram para o fundo do lago e mergulharam.

Naquela noite especial, a lua iluminava tudo tão bem que podíamos ver perfeitamente o que acontecia debaixo da água. As icamiabas nadavam até o ponto mais fundo do lago e voltavam à superfície com pedras verdes e reluzentes nas mãos. Encantadas, Maiara e eu decidimos fazer o mesmo: seguimos as icamiabas debaixo da água até o lugar de onde elas retiravam as pedras. Quer dizer... quando tocamos aquilo, notamos que não eram exatamente pedras, mas uma massa verde e mole que podia ser moldada e só endurecia ao ser retirada da água.

– Que incrível! Olhe como brilha!, exclamei.

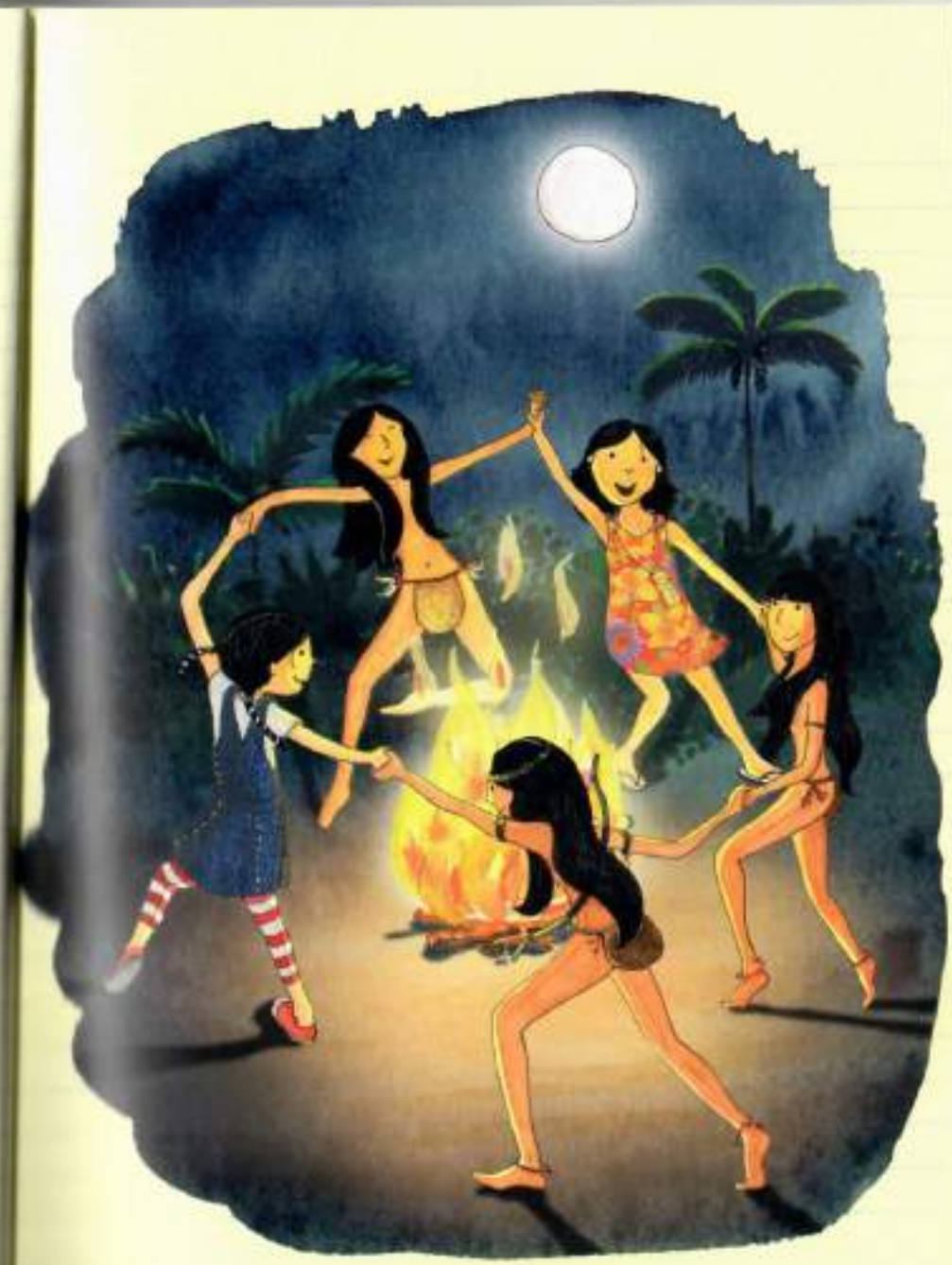
– Será que é uma pedra mágica?, questionou Maiara.

Vimos que as icamiabas davam a forma que queriam à massa verde: sapo, peixe, tartaruga. Animada, resolvi esculpir um gato, enquanto Maiara fazia um bicho preguiça.

Com as pedras verdes já modeladas, as icamiabas saíram da água e colocaram suas pequenas esculturas para secar perto da fogueira. Depois, lideradas por uma delas, voltaram a dançar e cantar em torno do fogo. Decidimos imitar e nos divertimos muito, cantando e girando ali pela praia.

Quando a lua atingiu o ponto mais alto do céu, a líder das icamiabas tocou um tambor e vimos um barco se aproximar, trazendo alguns homens. Neste momento, fiz um sinal para Breno e para o professor, chamando os dois:

– Venham! Venham logo!



Assim que o barco dos visitantes parou na praia, as icamiabas pegaram seus arcos e apontaram suas flechas para eles. Aquela recepção não parecia nada calorosa, e Maiara e eu ficamos paralisadas, temendo um confronto. Os homens, porém, logo mostraram que não vinham guerrear. Ao contrário, traziam espelhos, pentes e perfumes de presente para as icamiabas. Breno e Roberto chegaram logo depois, com flores que colheram ali no mato mesmo, de improviso.

Nossos amigos foram amarrados junto com os demais no meio da praia e tive que me segurar para não rir da cara que Breno fez ao se tornar nosso "prisioneiro".

– Vai ter que nos obedecer, senão leva flechada!, brinquei.

– Isso é sério, Pilar. Estas mulheres parecem muito bravas!, ele sussurrou, tenso.

Muiraquitã catu!

Com os homens todos imobilizados e amarrados perto da fogueira, as icamiabas recomeçaram a dança e, mais uma vez, Maiara e eu fizemos o mesmo. Quando passei por Breno, ele comentava com o professor:

– E agora? Acho que estamos correndo um grande perigo!

– Fique calmo, Breno. Eu já vi este ritual de longe algumas vezes. Elas agora vão escolher os homens de sua preferência.

– E se nos escolherem? Que vão fazer?

– Você já vai saber...

Na verdade, eu também estava curiosa e foi uma grande surpresa quando vi as icamiabas se aproximarem dos homens com cuias repletas de tinta. Cada uma começou a pintar os braços e as pernas do homem de que mais gostava. A líder das icamiabas escolheu exatamente o professor. Por sorte, nenhuma delas chegou perto de Breno e, divertindo-me como nunca, resolvi pintar o corpo do meu amigo:

Suas pernas vão ficar lindas com meus desenhos!, brinquei.

Pare com isso, Pilar. Já vi que vou ficar ridículo!

Que nada! Vai ganhar tatuagens incríveis!

Tatuagens? Você está brincando? Será que esta tinta vai ficar para sempre?

Calma, Breno! Maiara me disse que isso é tinta de jenipapo.

Deve sair com água. E hoje quem manda aqui somos nós, as mulheres. Você não tem escapatória!

– Isso vai ter troco! Você vai ver só.

– Veremos!, provoquei.

A líder do grupo voltou a bater seu tambor, agora com um ritmo mais forte. Então, todas pegaram as pedras que haviam preparado, agora já enfiadas em colares de palha. Neste momento, Maiara me contou:

– Quando a pessoa recebe o muiraquitã, o amor dela aumenta...

– Como assim?, eu quis entender.

– Se o homem que recebe o muiraquitã sente algum amor, esse amor vai aumentar...

Em seguida, vimos a líder das icamiabas se curvar diante do professor e colocar o amuleto em seu pescoço, dizendo:

– Muiraquitã catu.

Imediatamente, o colar do professor começou a brilhar de um jeito especial, como se acompanhasse os batimentos do coração dele. Impressionada, ofereci o amuleto a Breno e repeti:

– Muiraquitã catu.

O colar de Breno também começou a brilhar, com um ritmo tão forte que fiquei até um pouco assustada.

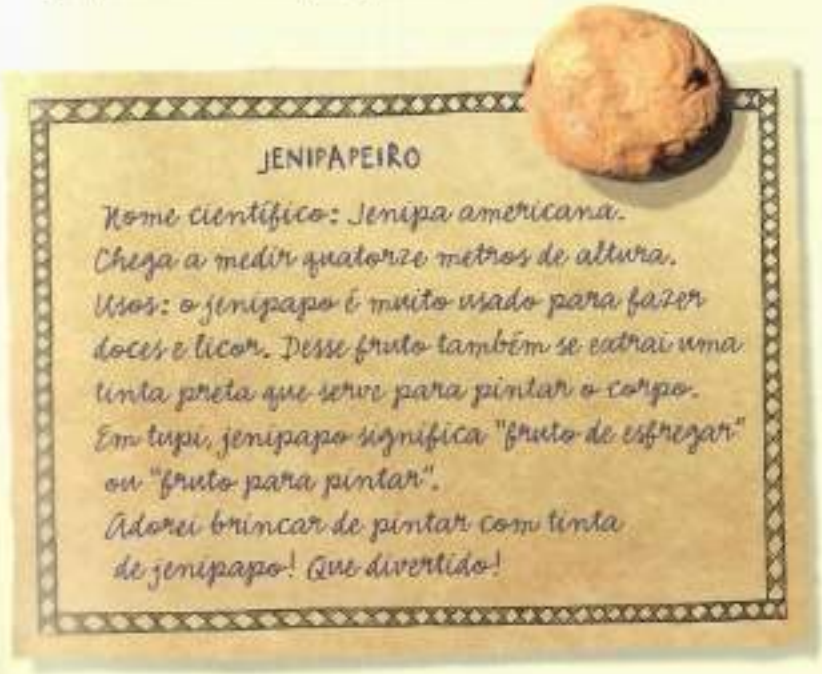
Finalmente, os homens foram desamarrados e, ao se ver livre, Breno segurou meu braço e disse:

– Agora sabe o que eu vou fazer?

– Não tenho a menor ideia, falei, rindo.

Jenipapo

Pegando a tinta de jenipapo, Breno saiu correndo atrás de mim. Tentei fugir, mas ele foi mais rápido e me alcançou. Então, pintou meu rosto todo: bochechas, olhos, testa, enquanto eu ria. Depois, mergulhamos no lago para ver se a tinta saía, mas descobrimos que ela podia durar até duas semanas no corpo, feito uma tatuagem provisória.


JENIPAPEIRO
Nome científico: Jenipa americana.
Chega a medir quatorze metros de altura.
Usos: o jenipapo é muito usado para fazer doces e licor. Desse fruto também se extrai uma tinta preta que serve para pintar o corpo.
Em tupi, jenipapo significa "fruto de esfregar" ou "fruto para pintar".
Adorei brincar de pintar com tinta de jenipapo! Que divertido!

Um vento mais fresco nos fez sair da água e voltar para perto da fogueira, onde serviam tacacá, um caldo muito gostoso com camarão salgado e uma folha chamada jambu. Ao comer aquilo, senti um formigamento na boca muito estranho, que me deixou com preguiça de falar, mas com vontade de comer mais. Repeti e *tripeti*!

JAMBU

Nome científico:
acmella oleracea
Original da América do Sul, é usada em vários pratos típicos do Amazonas e do Pará. Deixa a boca formigando, de um jeito engraçado. Mas dizem que aumenta o apetite.
Eu comi o triplo por causa dela!

AS ICAMIABAS

Lenda: Também chamadas de amazonas, são mulheres fortes e guerreiras, lindas e muito livres, que andam nuas, escondidas pela floresta. Vivem em comunidades só de mulheres e se encontram com homens apenas uma vez por ano. Nesse dia escolhem um parceiro, a quem entregam o muiraquitã, e podem voltar a se encontrar com ele no ano seguinte.
Quando os espanhóis entraram de barco no rio Amazonas, em 1541, foram atacados por índias valentes a quem chamaram de amazonas, como as guerreiras gregas. Daí vem o nome do nosso rio maior.

MUIRAQUITÃ

É o nome do amuleto amazônico feito de pedra verde.
Pode ter vários formatos. O mais comum é o de um sapo, que é um símbolo da fertilidade.
Quando as icamiabas escolhem seus homens, entregam a eles o amuleto dizendo: "Muiraquitã catu."
Quem ganha o muiraquitã sente seu amor aumentar e todos passam a saber que aquela pessoa é a "escolhida" de alguém.
Será que Breno sabe o que isso significa?!

Pupunha

Fim do mistério

Na manhã seguinte, voltando para a casa do professor, notei que Maiara trazia seu muiraquitã guardado na cesta de palha. Isso significava que ela não havia escolhido ninguém durante o ritual das icamiabas. Já Breno e o professor carregavam cada qual o seu colar no peito e muitas lembranças do que tinham vivido na véspera.

Durante o café da manhã, comi pupunhas sem parar. Que fruto gostoso! Comi tantos que fiquei completamente *empupunhada*, com a barriga quase explodindo.

PUPUNHEIRA

Nome científico: Bactris gasipaes.
É uma espécie de palmeira que pode atingir vinte metros de altura. O fruto se chama pupunha e fica uma delícia cozido.
Usos: a pupunha serve também para fazer bolo, doce e "geladinho". Dentro de sua raiz tem o palmito pupunha, que é uma gostosura.
Ai, quando começo a comer pupunha, não consigo mais parar e termino sempre empupunhada!

Apesar das pupunhas deliciosas sobre a mesa, percebi que o professor não comia nada. Desenhava a líder das icamiabas com perfeição e suspirava, com pensamentos distantes. Será que estava apaixonado? Será que ele também havia se apaixonado assim por minha mãe, no passado? Não consegui mais me segurar e resolvi fazer de uma só vez todas as perguntas que estavam entaladas na minha garganta há muito tempo:

– Professor Roberto, como você conheceu minha mãe, Ana Buriti? Você se lembra de como se apaixonou por ela? Vocês namoraram muito tempo? Por que você sumiu depois?

– Espere aí! Quantas perguntas! Quem é Ana Buriti?

– Como é que você não se lembra?! Vocês foram namorados! Isso foi muito importante!, respondi, um pouco nervosa.

– Calma, Pilar, talvez ele não seja quem você está pensando, disse Breno.

– Como não? Ele é o professor da notícia de jornal, não é? Além do mais, ele se chama Roberto, ou seja, tem exatamente o nome do meu pai.

– Sim, meu nome é Roberto Paventis. Mas... pai? Afinal, do que vocês estão falando?, questionou o professor, sem entender nada.

Nessa hora, senti a garganta apertar, o chão balançar, tudo começou a ferver dentro de mim. Quase gritando, repeti aquele nome:

– Roberto Paventis? Este não é o sobrenome do meu pai...

– Pilar, pegue a lupa, a foto do seu pai e a notícia, me pediu Breno, com seu jeito de detetive.

A esta altura, Roberto nos olhava completamente confuso:

– Vocês podem me explicar o que está acontecendo?

– Pilar, estes dois homens não são a mesma pessoa, afirmou Breno depois de analisar bem as fotos.

Então, o professor pegou a pequena foto, olhou e olhou, até que finalmente falou:

– Parece que você está procurando alguém parecido comigo, Pilar. Mas eu não sou este aqui da foto, infelizmente.

– Mas... tem certeza que não?, perguntei, decepcionada.

– Sinto muito, Pilar, mas o professor Roberto não é seu pai. Eles são apenas sósias, ou seja, dois homens bem parecidos!, concluiu Breno.

Levantando-se, o professor me abraçou de um jeito carinhoso e, olhando lá no fundo dos meus olhos, disse:

– Olhe, Pilar, eu não tenho filhos. Mas se tivesse uma filha, queria que ela fosse exatamente como você. Seria um grande orgulho ser pai de uma garota tão bacana!

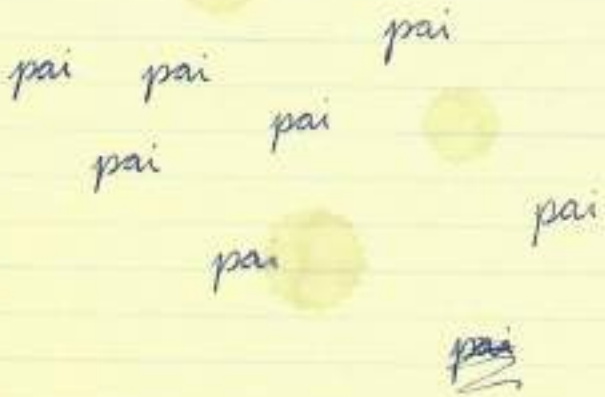
As palavras do professor eram gentis, mas não era o que eu queria ouvir. Aliás, nada do que ele dissesse poderia me consolar. Eu estava arrasada. Havia escrito a palavra "pai" várias vezes no meu diário, acreditei que, afinal, resolveria o maior enigma da minha vida, que poderia até ter uma família maior um dia e, agora, tudo voltava à estaca zero!

Que *chorda*! Que *chordalhorda*! Por que tudo na minha vida tinha que ser tão complicado e diferente?

Corri para o lado de fora da casa, tentei segurar o choro, mas não consegui. Eu estava com raiva, muita raiva:

– Eu quero um pai! Quero meu pai!, gritei para a floresta toda ouvir.

Sem dizer nada, Breno se aproximou de mim, me abraçou e fez um cafuné em meus cabelos. Ficamos ali juntos, quietos, e às vezes não há mesmo nada a ser feito ou a ser dito...



Rumo ao mar

De repente, fomos surpreendidos por um miado familiar:

– É o Samba! Só pode ser ele, Breno! Meu gato voltou!

Ao ver meu gato surgir cheio de folhas e arranhões, corri para dar um abraço nele! Que serzinho mais adorado! Fiz muita festinha em seu pelo, tentei cuidar de seus arranhões, mas ele não deixou e foi lamber suas feridas sozinho. Enquanto eu colocava um pote de açaí fresquinho para ele, Breno correu para avisar o professor e Maiara. Estávamos todos curtindo a volta de Samba quando Bira nos chamou pelo rádio. Felizmente, as notícias eram boas: ele já estava com passagens nas mãos para embarcarmos no próximo barco rumo a Belém, e o mateiro se recuperava bem.

Pedimos ao professor que nos levasse ao porto de Santarém e, meia hora depois, estávamos nos despedindo:

Até um dia, falso pai!, brinquei.

Até um dia, filha dos meus sonhos!, ele brincou de volta.

Nós nos abraçamos e depois entrei com Breno e Maiara no barco, onde reencontramos Bira cercado por muita gente, falante como sempre, contando sobre a cobra que tentara engolir o mateiro:

Era uma sucuri gigante. Tinha mais de cinquenta metros! A esta hora, era para o mateiro estar dentro da barriga daquela peste!

– Menos, Bira. Menos! A cobra devia ter uns dez metros, não cinquenta!, corrigiu Breno, rindo.

– Que bom que você está de volta! Estávamos com saudades das suas histórias!, falei, abraçando Bira.

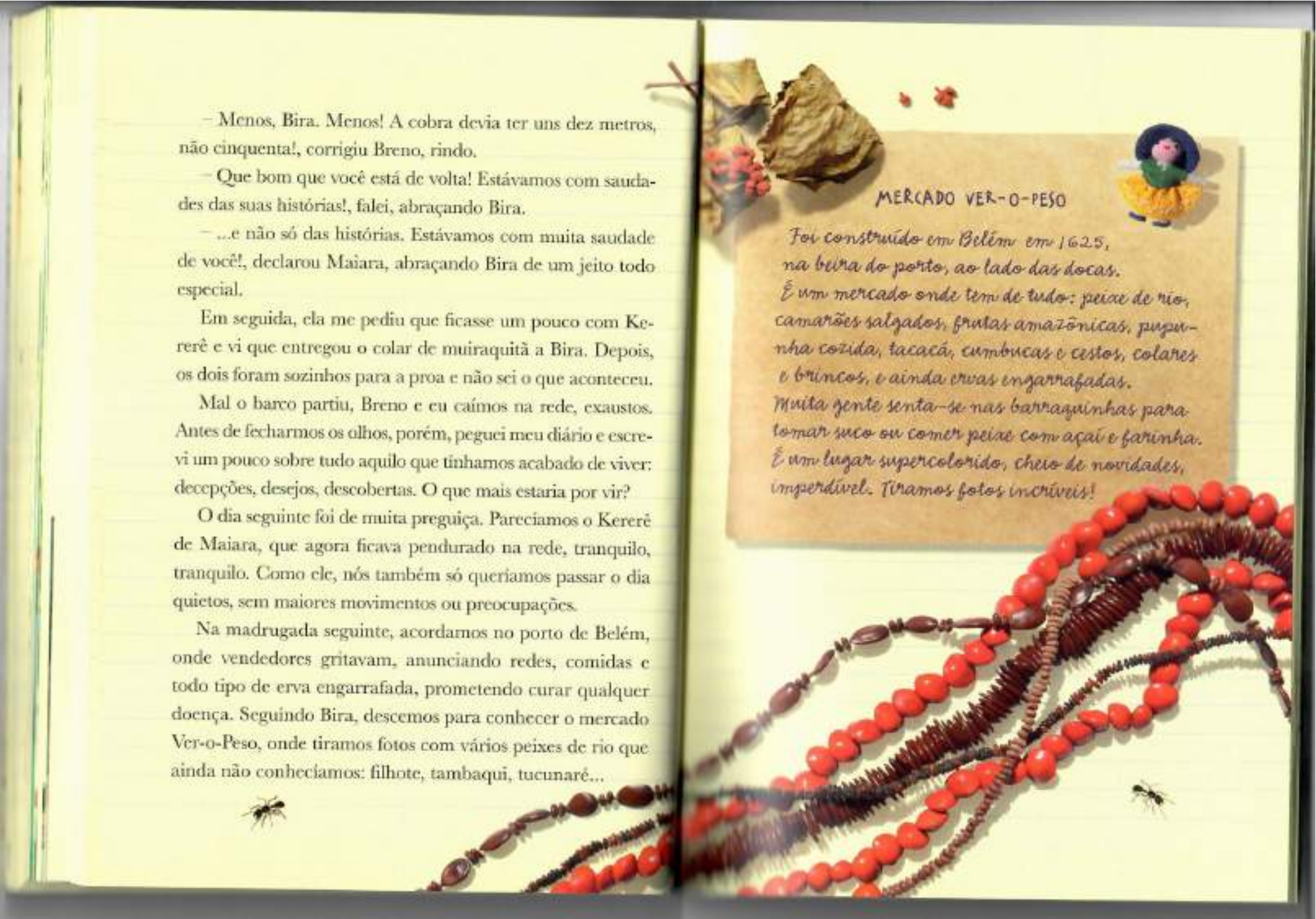
– ...e não só das histórias. Estávamos com muita saudade de você!, declarou Maiara, abraçando Bira de um jeito todo especial.

Em seguida, ela me pediu que ficasse um pouco com Kererê e vi que entregou o colar de muiraquitã a Bira. Depois, os dois foram sozinhos para a proa e não sei o que aconteceu.

Mal o barco partiu, Breno e eu caímos na rede, exaustos. Antes de fecharmos os olhos, porém, peguei meu diário e escrevi um pouco sobre tudo aquilo que tínhamos acabado de viver: decepções, desejos, descobertas. O que mais estaria por vir?

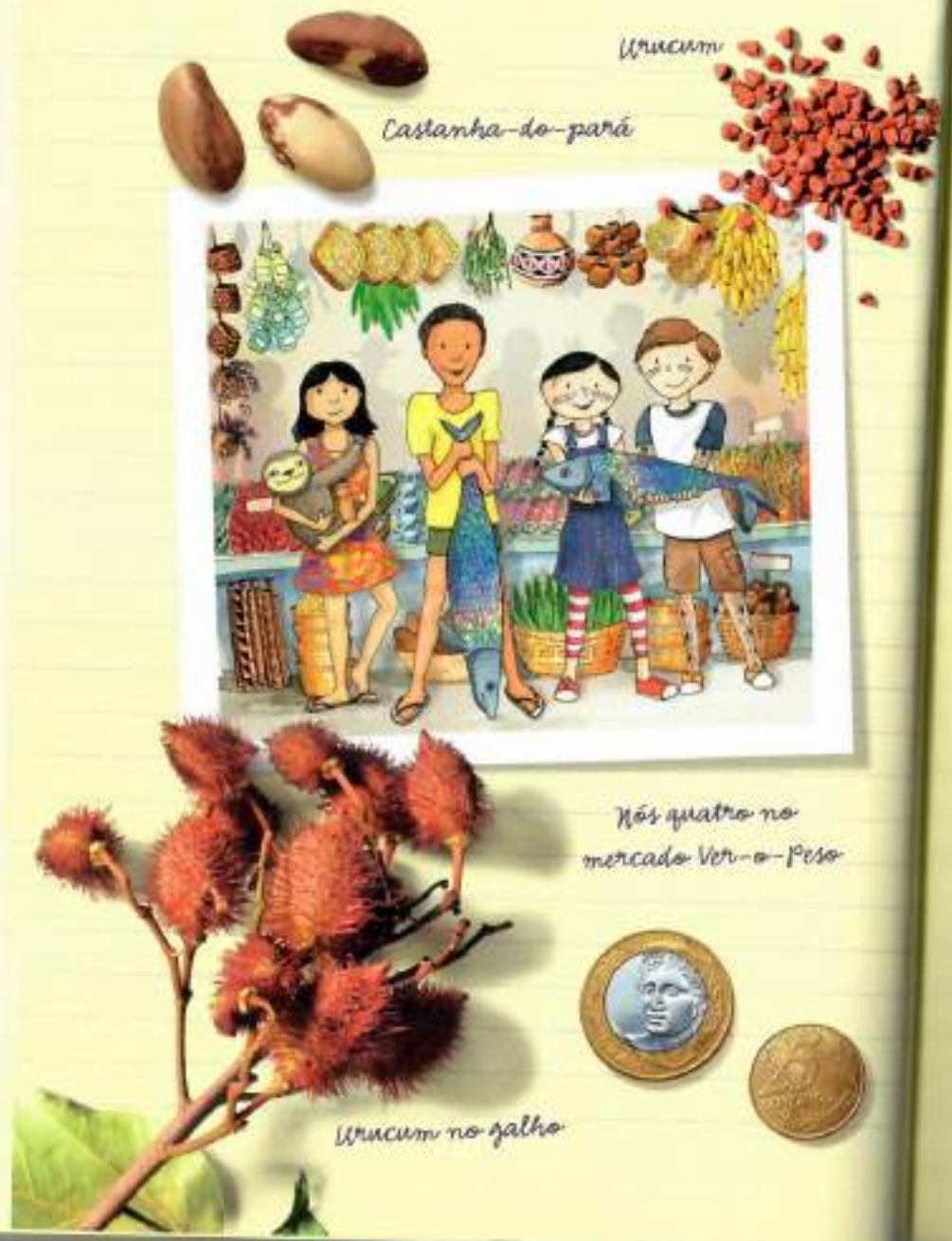
O dia seguinte foi de muita preguiça. Parecíamos o Kererê de Maiara, que agora ficava pendurado na rede, tranquilo, tranquilo. Como ele, nós também só queríamos passar o dia quietos, sem maiores movimentos ou preocupações.

Na madrugada seguinte, acordamos no porto de Belém, onde vendedores gritavam, anunciando redes, comidas e todo tipo de erva engarrafada, prometendo curar qualquer doença. Seguindo Bira, descemos para conhecer o mercado Ver-o-Peso, onde tiramos fotos com vários peixes de rio que ainda não conhecíamos: filhote, tambaqui, tucunaré...



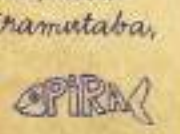
MERCADO VER-O-PESO

Foi construído em Belém em 1625, na beira do porto, ao lado das docas. É um mercado onde tem de tudo: peixe de rio, camarões salgados, frutas amazônicas, pupunha cozida, tacacá, cumbucas e cestos, colares e brincos, e ainda ervas engarrafadas. Muita gente senta-se nas barraquinhas para tomar suco ou comer peixe com açaí e farinha. É um lugar supercolorido, cheio de novidades, imperdível. Tiramos fotos incríveis!



PEIXE = PIRÁ

No mercado Ver-o-Peso descobrimos muitos outros peixes que começam com "pira", além do pirarucu: piranha, pirajuba, piramutaba, pirapitanga, piraúna.
O peixeiro nos explicou que pirá significa "peixe" em tupi-guarani.



Depois de ver os peixes, provamos as castanhas-do-pará – que vêm dentro de um coco muito duro – e ameacei pintar Breno de vermelho, com tinta feita de sementes de urucum. Ele fugiu na hora, claro! Quando a fome apertou, comemos peixe com açaí e macaxeira frita! Impossível não ganhar uns quilos a mais nesta viagem!

Pelas calçadas de Belém, vi ruas cobertas de mangueiras centenárias, enormes, carregadinhas. Ao notar que, mesmo sem chuva, as mulheres passavam com guarda-chuvas abertos, perguntei:

Por que elas usam guarda-chuva se não está chovendo?

Isso é sombrinha, Pilar. Para se proteger do sol!, disse Maiara.

E para se proteger da chuva que cai todo dia às três da tarde!, informou Bira.

Estou achando que o guarda-chuva é para se proteger da chuva de mangas! Isso sim! Nunca vi uma cidade com tantas mangueiras!, brinquei.

CALENDÁRIO AMAZÔNICO

Na Amazônia há duas estações:
quando chove todo dia...
e quando chove o dia todo!
Nas escolas do Norte do Brasil, as férias longas de verão são de junho a agosto, quando chove menos. Já as férias chamadas de "inverno" (apesar dos quarenta graus), são mais curtinhas e acontecem do fim de dezembro ao meio de janeiro, quando chove sem parar.
A chuva amazônica nunca é chuvisco ou garoa não. É uma espécie de chuva-açu, ou seja, uma chuvarada danada!

O passeio continuou pela beira do rio e só então entendi que a capital do Pará fica numa esquina do rio Amazonas, longe do mar. Na beira do rio, paramos para tomar um sorvete. Mas, de repente, fomos atacados por mosquitos.

– Ai, esse lugar está cheio de carapanã!, disse Bira.

– É maruim!, exclamou Maiara, se coçando.

Na mesma hora, fiz uma lista de nomes de mosquitos para guardar no meu diário: carapanã, muriçoca, pium, maruim, pernilongo, borrachudo. Lugar que tem muito mosquito, claro que tem muito nome para o dito cujo!

Quando nos livramos dos mosquitos, mas ainda me coçando, me lembrei de uma promessa importantíssima:

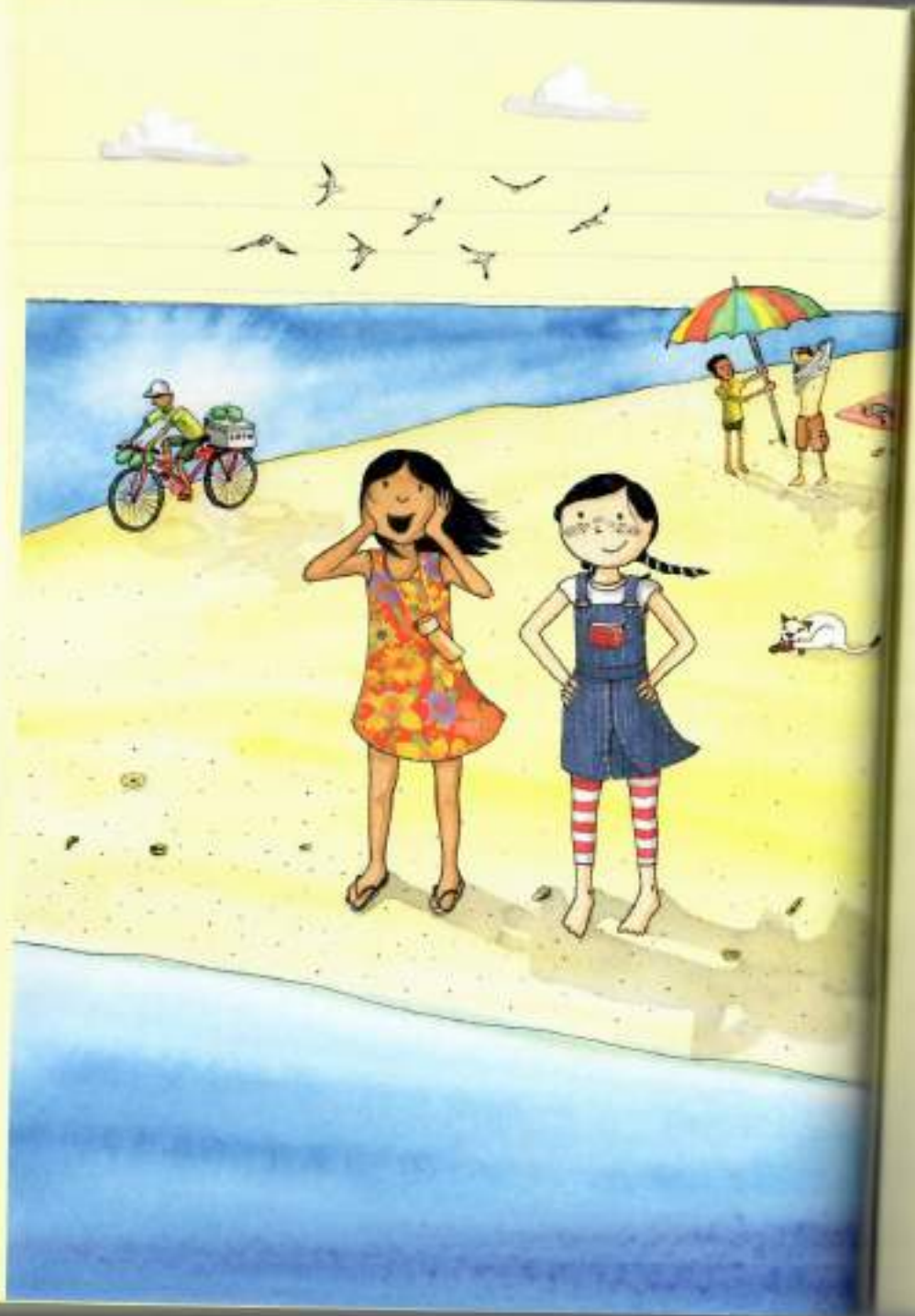
Breno, nós combinamos levar Maiara para ver o mar!

Claro! Mas onde está o mar? Como vamos até lá?

Os barcos menores não descem o rio Amazonas até a foz porque a água fica muito mexida e tem muita pedra. Mas podemos pegar um "fresquinho" até Salinópolis. Que acham?, propôs Bira.

Vou ver o mar! Nem acredito! Vamos logo, vamos!, exclamou Maiara, entusiasmada.

Em meia hora, Bira conseguiu carona para nós em um "fresquinho", um ônibus com ar-condicionado congelante, e partimos rumo ao oceano Atlântico.



Novos horizontes

Assim que chegamos em Salinópolis, corremos para a ponta do Atalaia, uma praia linda, enorme, de mar muito verde. À nossa frente, o horizonte infinito e muitos maçaricos brancos sobrevoando o oceano. Que lugar bonito! Que praia imensa! Maiara e eu deixamos Samba e Kererê com Breno e Bira e saímos correndo em direção à água.

– Que incrível, Pilar! O mar parece um rio que não acaba!

– É, Maiara... E sempre que olho para ele sinto uma vontade louca de viajar!

Você gosta mesmo de viajar, não é, Pilar?

Ah, acho que é a coisa que mais amo na vida!

Uma onda grande veio chegando e puxei Maiara para o seu primeiro mergulho no mar. Acontece que ela não fechou os olhos nem a boca e, ao voltar à tona, soltou um grito, assustada:

Ai, colocaram sal demais nesta água! Parece uma sopa fria!

Você devia ter fechado a boca, eu disse, rindo.

E os olhos também! Nunca vi água arder assim!, ela falou, esfregando o rosto.

Apesar de não gostar do sal na água, Maiara adorou brincar com as ondas. Pulamos algumas e furamos várias! Depois, vimos estrelas-do-mar pequenas, grandes, de todos os tamanhos! E ainda catamos algumas conchas pela areia. Quando voltamos para a barraca, Bira e Breno comiam caranguejos

enormes. Maiara e eu sentamos debaixo da sombra e ela continuou olhando para o mar, como se estivesse hipnotizada:

– Acho que entendo o que você sente, Pilar. Olhando para o mar, dá mesmo vontade de ir ver o que existe do outro lado...

– Se dá! Só de olhar, já começo a pensar nas próximas viagens que quero fazer: China, Índia, Austrália, Moçambique, o mundo todo! País por país, cidade por cidade, pessoa por pessoa!

– É como eu sempre digo: a Pilar sofre de uma espécie de gulodice geográfica. Acho que é uma doença incurável!, brincou Breno.

– Muito cuidado! Acho que é uma doença contagiosa!, provoquei.

– Isso aí não me pega não. Prefiro continuar subindo e descendo o meu rio Amazonas, que é grande como nenhum! Às vezes acho que uma vida só nem vai ser suficiente para conhecer todos os cantos deste rio imenso, disse Bira, orgulhoso.

– Não fica chateada se eu falar uma coisa, Pilar?

– Claro que não. Pode dizer, Maiara...

– Acho que eu prefiro praia de rio. O mar é bonito demais, mas mergulhar nele é estranho: tem um gosto muito salgado e deixa o cabelo duro feito palha!

Gosto é gosto, não se discute. Os dois são tão diferentes e tão especiais... Olhando para o rio, sinto paz; olhando para o mar, sinto um enorme desejo de aventura.

RIO	MAR
doce	salgado
calmo	agitado
sensação de paz	desejo de aventura
tem ondas pequenas	tem ondas grandes
tem boto	tem golfinho
bom para remar	bom para surfar

Adoro os dois!

No colo de Maiara, Kererê estava todo encolhido. Parecia mais habituado à vida na mata do que ao descampado da praia, onde ventava bastante. Já meu gato, que não gosta de água nem doce nem salgada, estava encolhido sobre uma cadeira, lambendo suas feridas. Comecei a ficar preocupada. Talvez fosse hora de voltar para casa e levar Samba ao veterinário.

O sol caía no horizonte quando amarramos nossa rede mágica entre duas árvores. Imediatamente, Samba pulou lá dentro, enquanto Breno e eu abraçávamos Maiara, Bira e o quase sumido Kererê, já nos despedindo dos nossos amigos.

– Obrigada pela ajuda, Maiara. Foi muito bom conhecer o rio Amazonas junto com você!, agradeci, dando a ela um apito da minha coleção.

– Pena que você não encontrou quem queria..., respondeu Maiara colocando no meu pescoço a sua linda cestinha de palha.

– Puxa! Que presente especial! Obrigada! Sabe, Maiara, encontrei tanta gente interessante que valeu muito a pena. Foi mesmo inesquecível!! E um dia vocês vão conhecer nossa praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, né?, convidei.

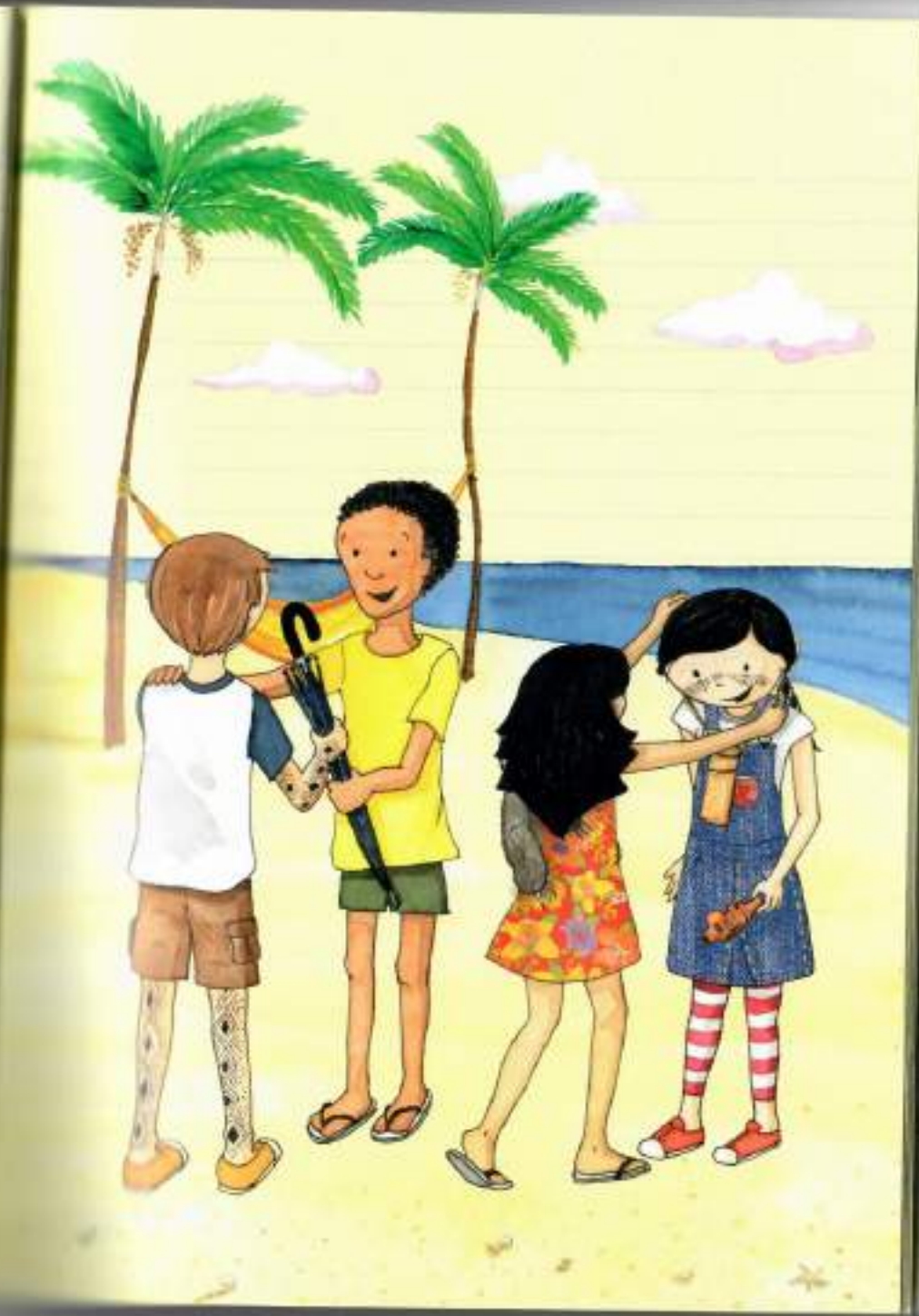
– Vamos sim. E quando chegar lá, vou mergulhar de olhos e boca bem fechados, riu Maiara.

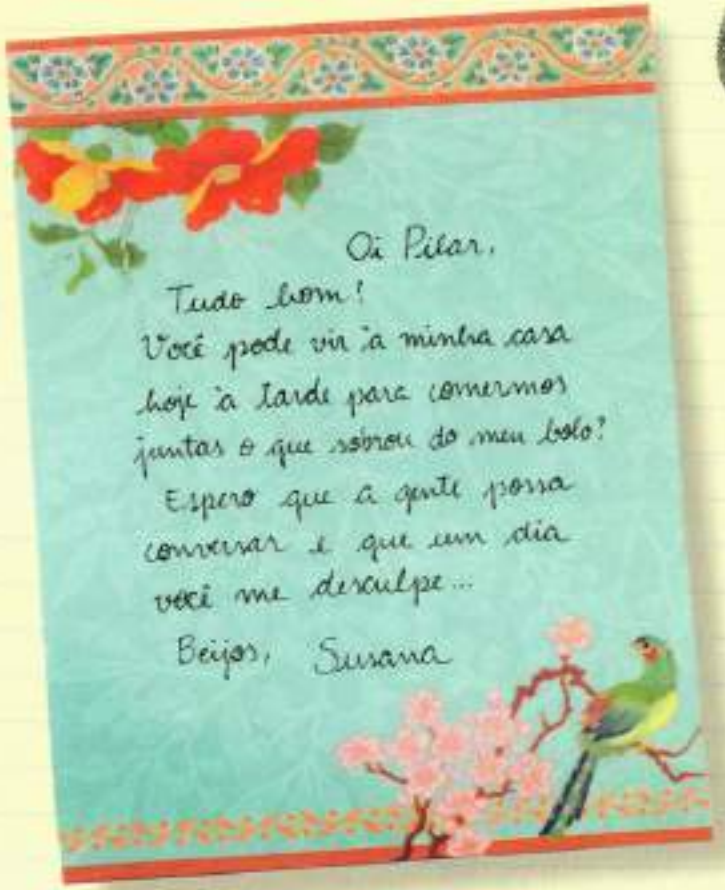
Ao despedir-se de Bira, Breno resolveu deixar com ele uma lembrancinha:

– Pode ficar com o meu guarda-chuva! Quem sabe assim você pesca outra sereia?

– Ainda vou pescar o maior pirarucu do rio Amazonas com este seu guarda-chuva, você vai ver! Quando eu conseguir, mando a foto para você!, disse Bira, empolgado.

Com um impulso para trás, a rede começou a girar de volta. Girou e girou até ficarmos tontos! E quando finalmente parou, já estávamos em meu quarto.




Oi Pilar.
Tudo bom?
Você pode vir à minha casa
hoje à tarde para comermos
juntas o que sobrou do meu bolo?
Espero que a gente possa
conversar e que um dia
você me desculpe...
Beijos, Susana

← tô toda jenipapalhada!

Uma nova família?

Assim que pulamos para fora da rede, vi que havia sobre a minha cama uma carta de Susana, me convidando para ir à sua casa. Na mesma hora, Breno olhou para mim, curioso:

— E aí? Você vai, Pilar?

Toda *jenipapalhada*, pintada de jenipapo? Agora é que ela vai me achar esquisita mesmo!

Começamos a rir, reparando que continuávamos completamente pintados e muito engraçados.

— Será que esta tinta não vai sair nunca?

— Sei lá. Não estou nem um pouco preocupada, falei.

— Quer dizer que não tem mais medo que alguém lá na escola diga que você é um pouquinho esquisita?, ele provocou.

— Quer dizer que você acha mesmo que eu sou um pouquinho esquisita?, provoquei de volta.

— Pilar, você não é esquisita.

— Não?

— Não mesmo. Acho que você é... original. É isso! É a garota mais original que eu conheço!

Fiquei sem palavras com aquele elogio! Saí fora do ar, parecia que estava flutuando, quando ouvi um miado estranho de Samba e caí na real.

— Será que é saudade da onça?

— Acho que ele precisa ir ao veterinário, falei.

Decidimos procurar minha mãe, que por sorte já havia voltado da viagem de trabalho. Ao chegarmos na sala, porém, vimos que ela estava acompanhada por um homem de boné azul que tinha o braço estendido sobre seu ombro... Olhei para Breno e imediatamente decidimos ativar a nossa Sociedade dos Espiões Invisíveis.

– Beki chamando Nico...

– Nico ligado!

Engatinhando por trás do sofá, conseguimos nos aproximar dos dois para ouvir melhor a conversa:

– Você já falou com ela?, perguntou o homem de boné azul.

– Ainda não. Vou falar com ela hoje, minha mãe respondeu.

Aquela conversa estava bastante enigmática, mas parecia que "ela" era eu! Desta vez, eu não queria atrapalhar nossa missão de jeito nenhum e fiquei bem quieta ao lado de Breno, tentando descobrir mais. Será que aquele homem era do trabalho de minha mãe? Seria algum amigo ou... De repente, vimos os dois se beijarem! Surreal! Breno e eu nos entreolhamos, surpresos, enquanto Samba pulava dos meus braços diretamente sobre o boné daquele desconhecido.

– Samba! Que susto! O que você está fazendo aqui?, perguntou minha mãe.

Naquele exato instante, decidi me levantar rapidamente para dar uma espiadinha na cabeça do homem, só para saber se ele tinha um furo escondido ali. Por sorte, não tinha! Ou

seja, não era nenhum boto disfarçado! Bem nessa hora, minha mãe me viu.

– Pilar, o que você está fazendo atrás do sofá?

– Mãe, vocês estão namorando? Você nem me contou nada... Qual o nome dele?

– Filha, este é o Bernardo... Eu queria mesmo que vocês se conhecessem. Ele é meu namorado sim.

– Ele é veterinário, por acaso? Samba está precisando de ajuda, mãe!

Mesmo não sendo veterinário, Bernardo resolveu agir: colocou todos nós em seu carro e nos levou para a clínica, onde Samba ganhou alguns pontos na pata. Intrigada, minha mãe quis saber como e em que lugar meu gato havia se ferido. Como eu iria explicar que ele tinha se envolvido com uma onça na floresta amazônica?

Parece que ele brigou com algum animal maior que ele, disse o veterinário.

Mas que animal?, questionou minha mãe.

Deve ter sido quando... ele fugiu para a mata, eu disse, tentando explicar.

Mata? Que mata?

Aquela mata atrás da escola, sabe?, emendou Breno, sempre pronto a me ajudar.

Bom, melhor não levar mais seu gato nessas aventuras, Pilar. Ele ainda é um filhote. Não sabe se defender muito bem.

Breno e eu tivemos vontade de rir, mas não dissemos nada. Filhote indefeso? Isso Samba não era mesmo! Sem que minha mãe percebesse, meu gato havia crescido e agora era o maior namorador de gatas selvagens! Aliás, não era só ele que estava pronto para viver namoros e aventuras... Todos nós havíamos mudado!

Quando voltamos para casa, Bernardo quis fazer um carinho em Samba, que não parava de tentar arrancar o curativo da pata. Como o namorado de minha mãe insistia, meu gato se irritou e decidiu reagir: abocanhou seu boné e fugiu em disparada. Que confusão! Bernardo gritava, minha mãe reclamava, mas a verdade é que aquele homem ainda nem conhecia o meu gato direito e já se achava cheio de intimidades...

Antes que a coisa se complicasse, Breno e eu saímos correndo atrás de Samba, mas, ao chegarmos ao meu quarto, vimos que ele havia sumido...

– Já procurou debaixo da cama?, perguntou Breno.

– Não está. Nem dentro do armário...

– Será que ele...

– Aposto que pulou na rede mágica!, falei.

– Pelo jeito, levou junto o boné do seu novo "padrasto"...

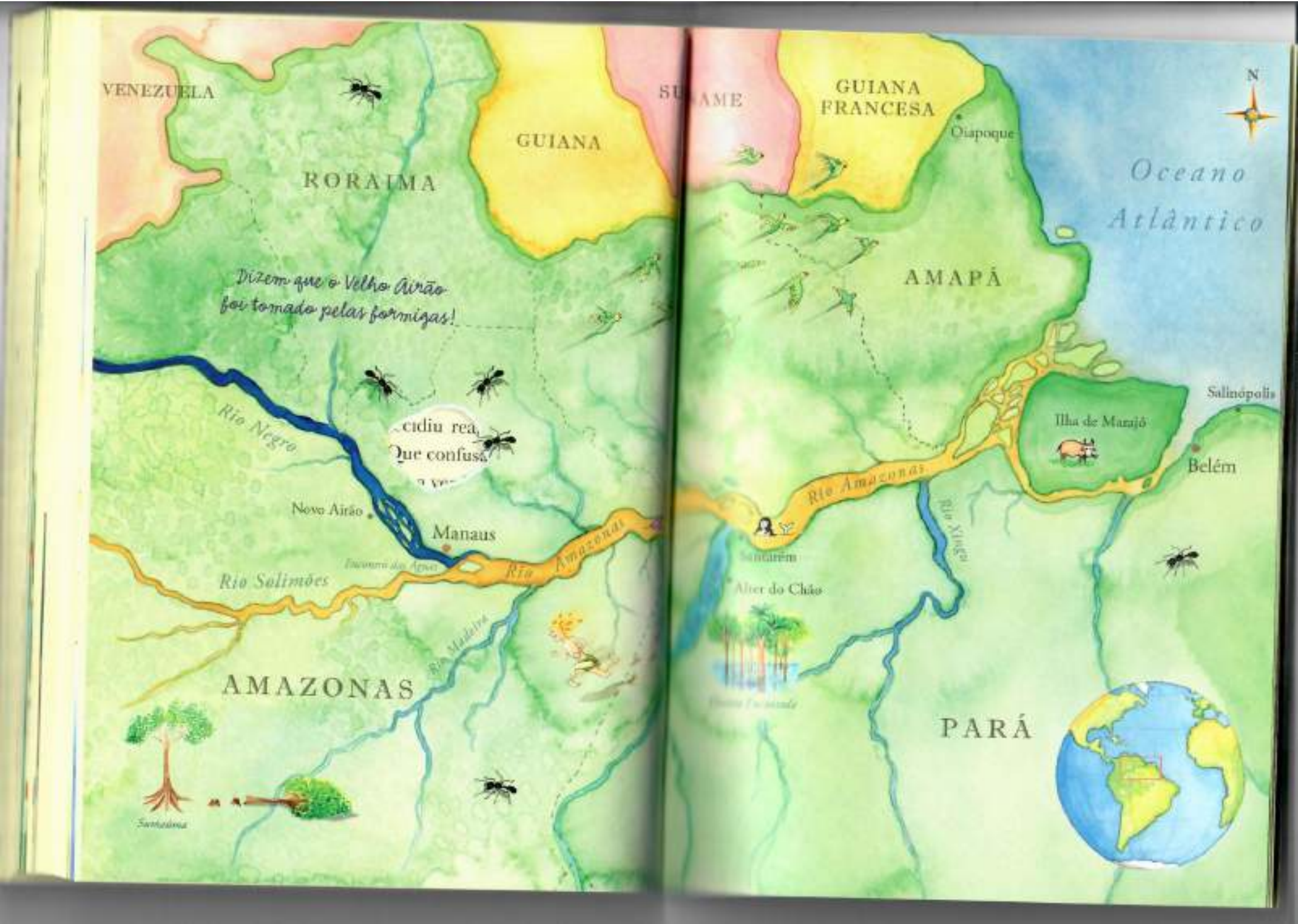
– Padrasto?!, estranhei.

– Bom, Pilar. Você não tem pai, mas talvez agora tenha padrasto... Melhor ir se acostumando...

Assim que Breno falou aquilo, comecei a me perguntar: será que Bernardo se casaria com minha mãe e se tornaria mesmo meu padrasto? Será que nossa família iria mudar ou aumentar? Mil dúvidas começaram a pular dentro da minha cabeça ainda sem respostas. Porém, o mais urgente no momento era partir atrás de Samba!

Para onde meu gato teria ido dessa vez? Para alguma montanha gelada? Para um deserto sem fim? Mistério! Para saber, precisávamos embarcar na rede mágica e nos deixar levar. Afinal, é sempre ela quem decide nossas viagens, e nunca sabemos ao certo aonde iremos parar...

FIM


VENEZUELA
GUIANA
RORAIMA
Dizem que o Velho Airão
foi tomado pelas formigas!
Rio Negro
Novo Airão
Manaus
Encontro das Águas
Rio Solimões
Rio Amazonas
Rio Madeira
AMAZONAS
Santarém
GUIANA FRANCESA
Oiapoque
Oceano Atlântico
AMAPÁ
Salinópolis
Ilha de Marajó
Belém
Rio Amazonas
Rio Xingu
Alter do Chão
PARÁ
N

Oi Pilar,
quando é que você e Breno voltarão a Belém? Sabe, estou adorando morar aqui. A escola é ótima e já fiz vários amigos novos, mas Bira continua sendo o meu melhor amigo, claro! Todas as tardes nós nos encontramos para chamar passarinhos e tomar sorvete juntos. Ai vai uma gotinha do sorvete de açaí para você ficar com água na boca e querer voltar logo, viu?
Beijos e saudades,
Maiara

OI PILAR! OI BRENO!
QUANDO É QUE NÓS VAMOS FAZER OUTRA VIAGEM PELO RIO AMAZONAS?
VOLTEM LOGO! ATÉ MAIS, BIRA

Belém do Pará, Brasil

Pilar Buriti
Rua Sem Fim, número 1
Apartamento embaixo do Bre
Rio de Janeiro, Cidade Maravi
RJ - Brasil 22000 000

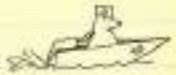
Sementes de olho-de-cabra
que catei em Santarém

PEQUENO DICIONÁRIO DE

PILARÊS

RESOLVI FAZER UM PEQUENO DICIONÁRIO DE PILARÊS, ISTO É, DAS PALAVRAS QUE INVENTEI. ACONTECE QUE ÀS VEZES A GENTE SENTE UMA VONTADE ENORME DE DIZER COISAS QUE AINDA NÃO FORAM NOMEADAS, OU QUE PODERIAM SER DITAS DE UMA MANEIRA DIFERENTE, NÃO ACHAM?

AMBULANCHA – AMBULÂNCIA EM FORMA DE LANCHA.
MAS ISSO EU NÃO INVENTEI. EXISTE MESMO!



APARTAMENTÍCULO – APARTAMENTO MUITO DO APERTADO, SEM VARANDA NEM ESPAÇO PARA TODOS OS ANIMAIS QUE EU GOSTARIA DE TER: BICHO PREGUIÇA, CAVALO ALADO, PINGUIM, LHAMA ETC.

ASSONVERSAR – CONVERSAR EM FORMA DE ASSOVIO.
SÓ OS PÁSSAROS ENTENDEM.

CHORDA! CHORDALHORDA! – É ALGO DO TIPO: AI,
QUEÓDIOQUERAIVAQUEDROGA,
TUDO JUNTO E MISTURADO!

CHUVA-AÇU – É A CHUVARADA FORTÍSSIMA QUE CAI NA AMAZÔNIA.
NÃO HÁ GUARDA-CHUVA QUE DÊ CONTA QUANDO
DESABA A TEMPESTADE.

DESPAIZADA – ALGUÉM QUE NÃO CONHECE O PAI, COMO EU...

EMARANHAVILHAMENTO – É QUANDO A GENTE FICA EMARANHADA
NUM ESTADO TÃO GRANDE DE MARAVILHAMENTO QUE
PARECE QUE ESTAMOS FLUTUANDO SEM PENSAR EM MAIS NADA!

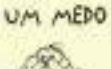
(FICAR) EMBARABATALHADA – FICAR COMPLETAMENTE IMPRESSIONADA,
ADMIRADA, ABOBALHADA, MARAVILHADA, TUDO ISSO JUNTO!

EMPUPUNHAR-SE! – COMER PUPUNHA DEMAIS, A PONTO
DE A BARRIGA QUASE EXPLODIR.

ESCAMOROSA – UMA SEREIA ESCAMADA E HORORROSA! INVENTEI
ISSO PARA XINGAR A IARA, AQUELA DANADA QUE
QUERIA LEVAR O BRENO PARA O FUNDO DO RIO...

(FICAR) JENIPAPALHADA – FICAR TODA PINTADA E UM POUCO
MELECADA DE TINTA DE JENIPAPO.

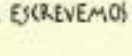
MEDUNÇO – MEDO MUITO MAIOR DO QUE MEDINHO. UM MEDO ENORME, UM VERDADEIRO MEDUNÇO!



PARAPETELUNGA – UMA PESSOA MUITO CHATA E IRRITANTE QUE A GENTE SENTE VONTADE DE XINGAR ASSIM!

QUERERIDO – UM JEITO ESPECIAL DE CHAMAR ALGUÉM OU UM SERZINHO A QUEM QUEREREMOS MUITO BEM, COMO O KERERÊ.

URG E SUPERURG – URGENTE E SUPERURGENTE! COMO TODO MUNDO, BRENO E EU TAMBÉM ESCREVEMOS TUDO ABREVIADO NO CELULAR.



Sofro de gulodice geográfica!

Colagens com trechos do livro
O GUARANI, de José de Alencar

Colar com pena de
saíra-de-bando

Flávia Lins e Silva nasceu no Rio de Janeiro, mas é apaixonada pela Amazônia. Primeiro passeou pelo rio Negro, depois pelo Amazonas e pelo rio Tapajós, onde se encantou de tal forma com os pássaros, as frutas, as pessoas e as palavras que espera voltar mil vezes ao Norte do Brasil. Autora de *Caderno de viagens da Pilar* e das séries *Detetives do Prédio Azul* e *Diário de Pilar*, lançados pela Zahar, foi vencedora do Prêmio de Melhor Livro Juvenil de 2010, pela FNLIJ, com *Mururu no Amazonas*.

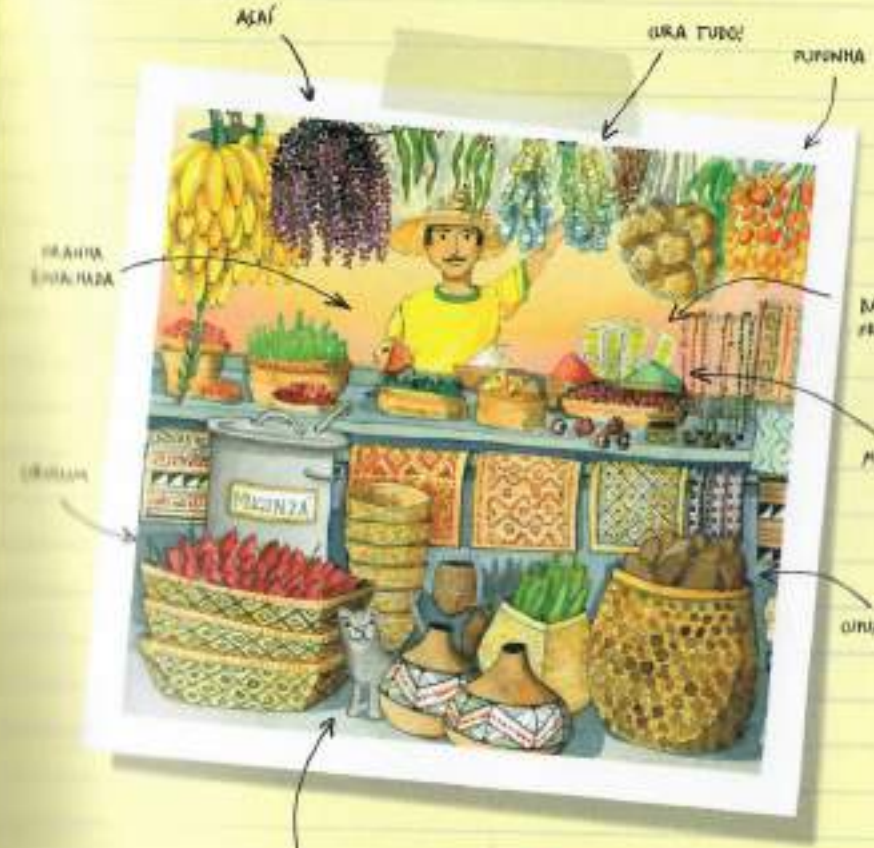
Joana Penna é carioca da gema e cidadã do mundo. Como a Pilar, também sofre de gulodice geográfica, e a Amazônia está na longa lista de lugares que ela ainda quer conhecer. Saiu do Rio de Janeiro em 1997 para estudar design e ilustração em Barcelona, na Espanha, e desde então fez muitos deserdos dos lugares onde morou: Barcelona, Londres, Sri Lanka e Nova York. Seus fiéis companheiros de viagem são seu marido, Johnny, e seus filhos, Sofia e Tom.

OLHO-DE-BOI

PULSEIRA QUE BRENO ME DEU NO MERCADO VER-O-PESO

COLAR DE SEMENTE DE TENTO VERMELHO

impressão novembro de 2019
gráfica Geográfica Editora
papel de capa Cartão Supremo 250g/m²
papel de miolo Couché Matte 115g/m²
tipografia Rockerville



Minha coleção de apitos de chamar passarinhos
Jacuguinga
Tucano
Inhambuaçu
Inhambu chororó
Inhambuaçu
Turuvim
Pente das icamiabas
Inhambu chororó
Bem-te-vi
Zabelê
Macuco

Girando na rede mágica, Pilar, Breno e o gato Samba vão parar num barco em pleno rio Amazonas, onde ficam amigos de Bira e Maiara. Juntos, eles enfrentam os feitiços da Iara, descobrem os segredos da Floresta Encantada, habitada pela temível Cobra-Grande, e ainda se dão conta de que suas árvores estão sendo destruídas.

Nessa viagem repleta de aventuras e romance, Pilar vive experiências incríveis e transformadoras. Se você quer conhecer a Amazônia, se tem muita coragem e curiosidade, abra as páginas deste livro e boa viagem!

ISBN 978-85-06-06426-5
9 788506 064265